

MAR NEGRO DE MOTOCICLETA

INTRODUÇÃO A BLACK SEA 2011

"Daqui a vinte anos você estará mais desapontado com as coisas que não fez do que com aquelas que fez. Portanto solte as bolinas. Singre para longe do porto seguro. Pegue os ventos alísios nas suas velas. Explore. Sonhe. Descubra."



ROTA CONTORNANDO O MAR NEGRO

www.sempreinmoto.it/black-sea

Esse texto, que eu amaria ter escrito, é de Mark Twain.

Ele reflete meu estado de espírito hoje. É a partida para mais um sonho. Um sonho de 12 países, 10.000 km, em 24 dias. Em torno do Mar Negro e o Cáucaso.

Sempre defendi a idéia de se ter sonhos ao alcance das mãos, e as minhas, alcançam os punhos de minha moto.

Na verdade, sou só uma alma inquieta que encontrou na motocicleta uma maneira estranha de ser feliz.

“A moto não vaza óleo. Ela marca seu território”

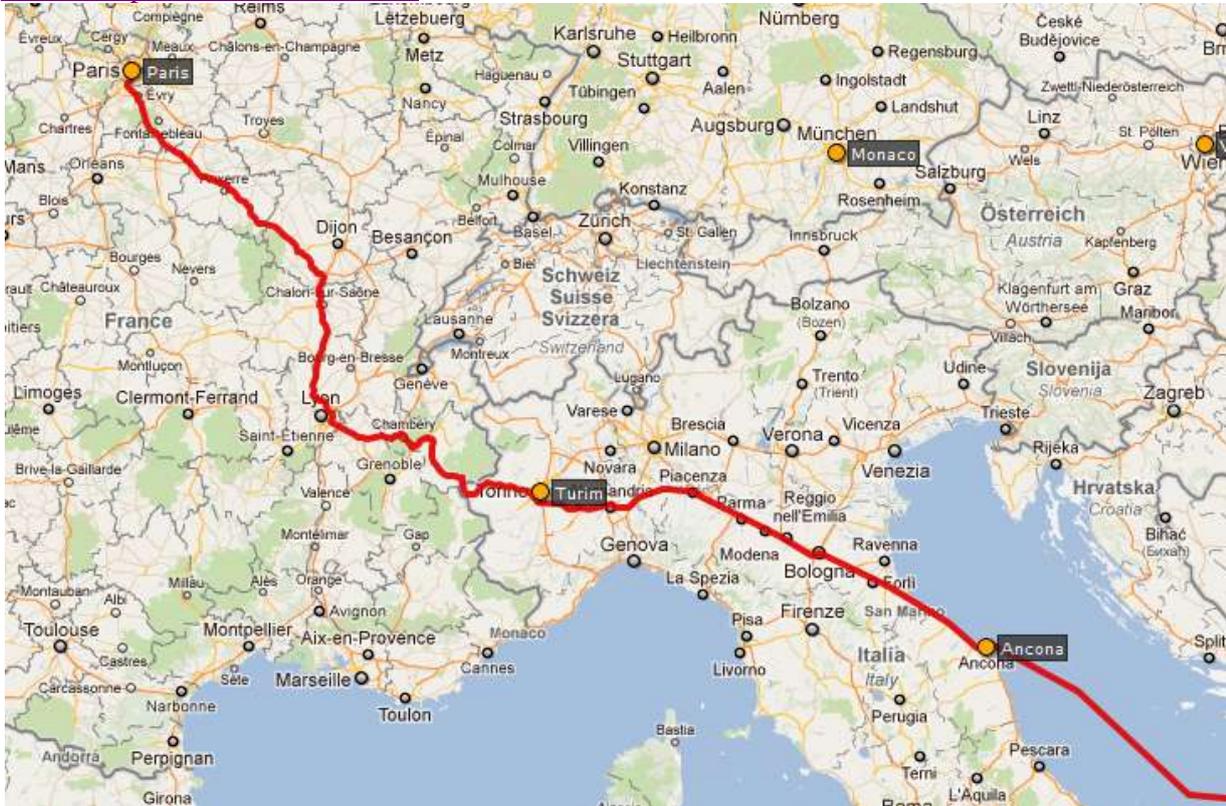
Ricardo Lugris
Maio de 2011

Sommario

MAR NEGRO DE MOTOCICLETA	1
14 de Maio de 2011.....	3
15 de Maio de 2011 --- Grécia - de Igoumenitsa a Alexandropolis	6
16 de Maio de 2011 --- Na Turquia.....	9
17 de Maio de 2011 --- De Istambul ao Mar Negro (Amasra)	11
18 de Maio de 2011 --- De Amasra a Sinop - Ao longo do Mar Negro	13
19 de Maio de 2011 --- De Sinop a Trabzon	16
20 de Maio de 2011 --- De Trabzon, Turquia para Batumi, Geórgia.....	18
21 de Maio de 2011 --- De Batumi a Tiblissi – Geórgia.....	21
24 de Maio de 2011 --- Yerevan, Armênia.....	27
25 de Maio de 2011 --- De Yerevan a Ardahan, Turquia	29
26 de Maio de 2011---- De Ardahan a Trebzon – Turquia.....	33
29 de Maio de 2011---- De Gelendzik (Rússia) para Yalta (Ucrânia)	39
30 de Maio de 2011 --- de Yalta a Odessa - Ucrânia	44
31 de Maio de 2011 --- De Odessa (Ucrânia) para a Romênia, através de Moldovia	48
01 de Junho de 2011 --- De Toplita (Romênia) a Viena (Áustria)	53
02 de Junho de 2011 --- De Viena (Áustria) para Chantilly (França)	56

14 de Maio de 2011

www.sempreimoto.it/black-sea



Como diria Roberto Carlos, "são tantas emoções...."

É sempre igual, planejamos uma viagem durante meses, começamos a separar o material uma semana antes para ter certeza que não esquecemos nada e, no fim, algo acontece e acabamos por fazer as malas na correria só para nos darmos conta no dia seguinte, já em viagem, que, mais uma vez, trouxemos bagagem demais!

Esta viagem que se iniciou para mim há dois dias, deve durar 24.

Quando viajo com minha mulher, completamos nossa bagagem para três semanas e levamos tudo o que precisamos.

Nesta oportunidade, viajo só, minha parceira por problemas de agenda, não pode me acompanhar.

O curioso é que, mesmo em solo na moto, enchi completamente as três valises e a bolsa de tanque... Algo não está certo.

Saí de casa no final da tarde do dia 12 e, após passar em Paris para despedir-me de minha filha, fiz 500 km, indo pernoitar em uma belíssima pequena cidade na Borgonha. Se chama Beaune (se pronuncia "bône").

Alí, encontrei uma combinação deliciosa de história e arquitetura e vinhos.



BEAUNE



Nessa região se produz o côtes de Beaune, um vinho delicioso que apreciado acompanhado de frios e queijo faz qualquer motociclista em sua primeira noite de viagem, a criatura mais feliz do mundo. Saí cedo no dia seguinte em direção aos Alpes que atravessei em um belíssimo dia de sol e temperaturas entre 18 e 22 graus. O que eu chamo um dia perfeito.

Escolhi pequenas estradas pois tinha aguentado 500 km de autoestrada no dia anterior. Com meu Ipod ilustrando musicalmente meus ouvidos, fui passando por paisagens de cinema ao mesmo tempo em que mentalmente verificava se tinha esquecido alguma coisa. Tenho esse tipo de preocupação recorrente nos primeiros dias de cada viagem.



Bem, não só não esqueci nada, como trouxe em demasia, o que já comentei. Cruzei a fronteira para a Itália em Sestriere, depois de uma rápida visita a cidade fortificada de Briançon.



Suas muralhas defensivas foram projetadas por Vauban, o grande arquiteto militar francês do século XVIII.

Os alpes Italianos se parecem aos Alpes franceses mas com o sol do outro lado e motoristas muito mais perigosos.

A linha central da pista nas curvas, para eles, é uma vaga referência.

A título de curiosidade: *para quem quer viajar de moto no velho continente, os dois países onde os motoristas são mais agressivos com as motos são Portugal e Itália.*

Meu destino nesse dia seria uma cidade de nome muito fácil para quem quer programar seu GPS em vôo:

BRA.

Ali mora um amigo motociclista, Rino, que se juntará a mim em Tiblissi, daqui a uns dias em junto com 4 outros parceiros italianos faremos a volta ao Mar Negro.

Rino organizou um jantar em sua casa com os amigos e a noite se encerrou regada de bom vinho e uns raviolis feitos por um mestre.

Noite curta como coice de porco, como se diz no meu Rio Grande.

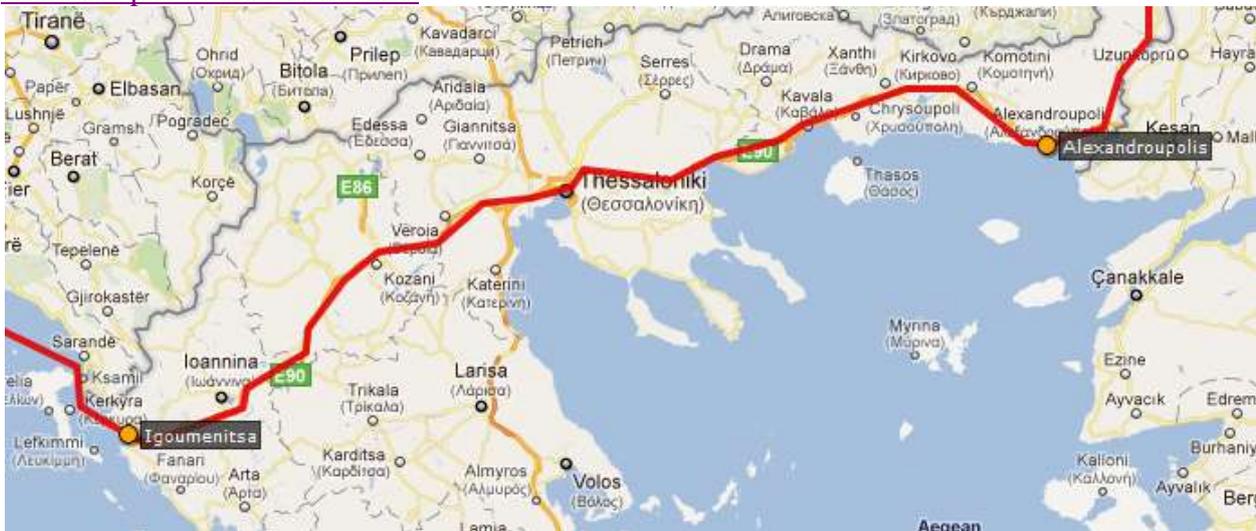
Levantei-me às 4:30 da manhã para percorrer os 600 km que me separavam de Ancona, na costa adriática italiana, onde estou agora, esperando para tomar, ao meio dia, o navio que me levará à Igoumenitsa, na Grécia, a caminho da Turquia e do Cáucaso.

O sol me acompanha, a moto responde à perfeição e me sinto tranquilo e com vontade de conhecer.

1600 km já se passaram em apenas dois dias. O descanso nas 18 horas que dura a travessia do ferry para a Grécia será muito bem vindo

15 de Maio de 2011 - - - Grécia - de Igoumenitsa a Alexandroupolis

www.sempreinmoto.it/black-sea



As 18 horas a bordo do ferry entre a Itália e a Grécia foram excelentes para três coisas: Comer, ler e dormir, (não necessariamente nessa ordem).

Fui acordado na minha confortável cabine às 5:30 da manhã pois o navio atracaria 30 minutos depois.

Nessas naves, as motos são colocadas em um canto onde não incomodem e onde tampouco ocupam espaço reservado aos carros e caminhões. Nesta oportunidade, fui obrigado a deixar a moto no fundo do porão de estacionamento do navio o que me obrigou a esperar uns 30 minutos até que a via pudesse ser liberada para minha moto.

Aproveitei para socializar com dois casais de Veneza que devem passar alguns dias percorrendo a Grécia em uma GS e uma Ducati 1100..





Minha grande surpresa veio logo à saída do ferry onde encontrei com Beppe e Rossela, um casal de amigos e parceiros de moto que vivem em Lípari, uma pequena ilha perto da Sicília.

Beppe e sua mulher estavam programados para encontrar

comigo e com os outros amigos em Tiblissi, na Geórgia daqui a uma semana.

Na verdade, eles tiveram vontade de sair antes e resolveram se juntar a mim para a viagem até a Geórgia. Boa companhia nunca é demais.

Deixamos o porto às 7 horas da manhã pois na Grécia vigora o sistema Schengen onde não é necessário o controle de passaportes e Alfândega quando se vem de outro país europeu, que é o nosso caso.

Tomamos a Via Ignata, excelente autoestrada recentemente inaugurada que atravessa o norte da Grécia de Igoumenitsa até a fronteira com a Turquia no noroeste do país. São 710 km que podem ser percorridos a velocidades confortáveis de 130/140 km/h. A União Européia colocou uma "grana preta" pois a quantidade de túneis e viadutos é impressionante.



Há muitas placas sinalizando a presença de radares. Na verdade, não vimos nenhum radar, o que quer dizer que o dinheiro da União Européia deu só para as placas. Não sobrou nada para os radares. Melhor para nós.

Pela manhã cedo, cruzando as montanhas em quotas de 1.200, 1.300 metros, fazia um pouco frio, entre 9 e 12 graus. A temperatura foi subindo até chegar a 28 graus à tarde.

Céu azul, ar fresco batendo no rosto e o bom e velho Pink Floyd inundando meus ouvidos.....

Após 200 kms, decidi fazer um desvio de 100 kms e dar a volta por maravilhosas paisagens de montanha, ao Monte Olimpo, a residência dos Deuses, segundo a mitologia Grega. A montanha é impressionante e os campos, cobertos de amapolas vermelhas dão o tom da primavera.

Almoçamos em Tessalonica, segunda cidade da Grécia e o cardápio só poderia ser as iguarias locais.

Suvilaki, Mussaka, salada de feta, etc. Muuuito bom.

Após o almoço esticamos mais uns 350 km e conseguimos um hotelzinho a uns 80 km da fronteira com a Turquia que deveremos passar amanhã de manhã.

Gosto de ver como minha GSA roda muito melhor quando está carregada. Mais estável, mais segura, mais confortável.

O almoço de amanhã será em Istambul.

É curioso que o dia de hoje deveria ser apenas uma etapa de transferência para nos posicionar no norte da Turquia e ao longo do Mar Negro, objetivo de nossa viagem.

Na verdade, o dia de hoje foi cheio de belas estradinhas a cada escapada da autoestrada. Foi um dia agradável e cheio de experiências. Amanhã, seguramente, tem mais.

16 de Maio de 2011 - - - Na Turquia

www.sempreinmoto.it/black-sea



A passagem da fronteira entre a Grécia e a Turquia foi irritantemente fácil. Nada para contar!

Em geral as passagens de fronteiras rendem boas histórias.

Hoje lembrou-me um episódio que li passado durante o reinado do grande Sultão Mehmet II aqui em Istambul em que ele chamou seu biógrafo oficial e perguntou a ele o que tinha acontecido de interessante no palácio naquele dia.

Um pouco o Facebook da época....

O cronista oficial respondeu: Majestade, não tenho sobre o que escrever, hoje não aconteceu nada de interessante....

Nesse momento o Sultão pegou a lança do guarda postado a seu lado e jogou no cronista entediado furando seu ombro.

Diante da cara de dor e surpresa do escritor, completou:

Agora sim, você tem algo sobre o qual escrever. Saia de minha frente!



Voltando à minha viagem de moto, hoje o agente de polícia do lado grego, quando estacionei a moto na frente de sua janelinha, perguntou:

Nacionalidade?

Eu disse, espanhola.

Sem me olhar, ele fez sinal para que eu continuasse para o lado Turco.

Do lado turco, depois de dois ou três carimbos, voltei para o primeiro guichê e ele me perguntou: Terminou?

Eu respondi, não sei, você é que tem que me dizer....

Aí ele fez aquele sinalzinho com a mão..... Vai, vai.....

Entramos na Turquia, país à cavalo entre a Ásia e a Europa que sempre te proporciona um “frisson” a mais.

Gosto daqui, tenho o privilégio de poder vir seguidamente a Istambul e gosto do orgulho deste povo, sua gentileza e sua simpatia.

As pessoas nos fazem gestos de apreço de dentro dos carros na estrada. Sorriem e cumprimentam. Em minha última viagem pela Turquia, ganhei uma pequena bandeira do país de um camioneiro e levo a bandeira vermelha ao lado da bandeira do Brasil, de praxe pendurada na “top case” de minha BM.

Hoje me aconteceu algo verdadeiramente extraordinário que quero compartilhar com vocês todos pois reflete o mais puro espírito motociclista que a gente pode imaginar.

A caminho de Istambul, no final da manhã, passamos por dois motociclistas italianos, um em uma Honda 650 e o outro, em uma KTM 990. Pelo volume da bagagem, pneus sobressalentes e todo o resto, estava evidente que iriam longe.

Em um semáforo, parei ao lado e perguntei onde eles iam. Mongólia, repondeu-me o italiano. Fiz cara de admiração pois a Mongólia fica “logo ali” entre a Sibéria e a China.... Ele perguntou onde iríamos? Respondi e dei um “boa sorte” que em italiano literalmente se diz: - No cú da baleia! (In culo la balena)

A resposta é: Isso, se ela não cagar..... (Speriamo che non cagui)

Rimos juntos e eu acelerei a moto continuando nossa viagem e eles, a sua.

Alguns quilômetros mais tarde, o outro italiano me alcança e pergunta se eu não fazia parte do grupo que foi ao Uzbequistão pela rota da Seda há alguns anos.

Surpreso, confirmei e disse que encostássemos, pois esse negócio de discutir a 100 km/h é meio complicado.

Ele me disse ao descer da moto que lembrava que um dos participantes no vídeo do YouTube e na Reportagem que publicamos na revista italiana Motociclismo, tinha um brasileiro que levava uma bandeira pendurada atrás da GSA, tal como eu estava fazendo hoje.

Aproveitamos para trocar impressões e eles quiseram saber como cruzar o deserto de Karakoum e seus 650 km sem uma sombra, sem um posto de gasolina, sem uma casa. 650 km de solidão, camelos, escorpiões e tartarugas.

Nos despedimos desejando mutuamente muita sorte, sempre no cu da baleia.

Muito legal este mundinho do moto-turismo.... Tem momentos de grande satisfação.

O resto de meu dia foi dedicado a enfrentar um engarrafamento monstro na maior cidade da Turquia, fazer uma foto na frente da “Mesquita Azul e seus seis minaretes e encontrar um bom lugar para almoçar ao ar livre pois estamos com 29 graus por estas bandas.

Encontramos um hotel correto a 60 km a leste de Istambul. Já estamos na Ásia após termos cruzado a ponte sobre o estreito de Bósforo que liga esses dois continentes.

Um bom dia do ponto de vista de um motociclista, sem dúvida.

Enquanto escrevo, minha cerveja EFES vai esquentando um pouco no copo.... Acho que vou ter que pedir outra. Estão servidos?

17 de Maio de 2011 - - - De Istambul ao Mar Negro (Amasra)

www.sempreimoto.it/black-sea



Depois de uma noite bem dormida em um hotel confortável, ligamos as motos pontualmente às 9 hs da manhã.

Deixando Istambul na hora do “rush”, tive uma roçada com um carro que me ultrapassava pela direita. A coisa foi tão suave que quase nem percebi.

O motorista parou e seu lindo carrinho branco tinha um novo friso ao longo de toda a sua lateral...

Notei a tinta branca no “mata-cachorro” e no pára-cilindro da GS.

Argumentei com ele que não se ultrapassa pela direita.

Argumento totalmente estúpido.

Aqui na Turquia, TODO MUNDO PASSA PELA DIREITA!!!

O argumento que venceu foi a simples e pura falta de possibilidade de comunicação entre nós.

Ou seja, não deu liga. Não deu nem pra brigar.....

Ele resolveu desistir. Entrou no carro e foi embora. Sábia decisão. E, para o inimigo que foge, a gente ajuda a construir uma ponte de prata.



De Istambul foram perto de 400 km de autoestrada, chatos, com um calorzinho de 28, 29 graus.

Chegamos finalmente ao tipo de estradinha que eu gosto. Secundária, cheia de curvas, velocidade média de 80/90 km/h. É aí que o telelever da GS se comporta bem.....

Daqui para a frente, só vamos encontrar uma outra autoestrada em Budapest, retornando para casa.

Curtir a moto em uma estradinha, de capacete aberto, sentindo o perfume do mato e o calor do sol batendo no rosto.

Não fosse aquela abelha a me abalroar e me deixar o ferrão grudado na jugular..... PQP! Dói para

cacete!

Tirei o ferrão e passei uma pomada de cortisona pra evitar o inchaço.

A caminho de nosso objetivo do dia, Amasra, um pequeno e pitoresco porto no Mar Negro, fizemos uma parada em Safranboulu, uma linda cidadezinha patrimônio da Humanidade por suas casas do período Otomano, perfeitamente preservadas.

Foi muito legal visitar o vilarejo, com sua mesquita de 300 anos, suas ruas tortas e seu mercado com gente simpática sempre querendo te vender algo.

Paramos em um café e oferecemos uma taça de chá para os senhores de idade, habitues que estavam sentados na mesa do lado.

Imediatamente fizemos amigos e eles fizeram espaço para nós em sua mesa, em um diálogo um tanto quanto surrealista, sem palavras.

Foram 15 minutos em que não havia muito a dizer.

Eles, contentes com a tacinha de chá que o estrangeiro lhes oferecia e eu, contente de poder compartilhar a mesa com os anciãos de Safranboulu.

Dali, foram mais 100 km até Amasra onde conseguimos um hotel que hospeda também um grupo de Australianos viajando em um grupo organizado de moto.

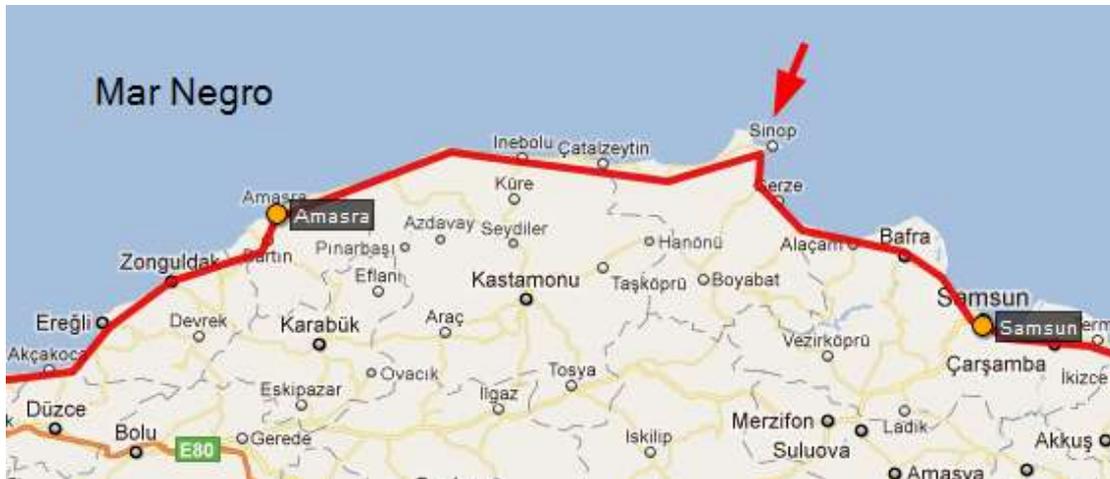
Vai faltar cerveja no hotel esta noite, a reparar no número de garrafas sobre a mesa do bar.

Amanhã o dia será movimentado pois faremos 450 kms de estradinha de costa que, segundo os parceiros Australianos, está em péssimo estado de conservação.

A conferir.

18 de Maio de 2011 - - - De Amasra a Sinop - Ao longo do Mar Negro

www.sempreinmoto.it/black-sea



Bem, uma notícia para todos nós: O Mar Negro é verde.

Assim como a Mesquita Azul, que é cinza, e o Rio Danúbio que é marrom e não azul como diz a valsa. O Mar Negro deve ter esse nome por qualquer outra razão.(sua profundidade, me parece)
Na minha cidade natal, Bagé, no RS, também tem uma loja que se chama Casa Vermelha e, desde que me conheço por gente, ela sempre foi marrom...

Idiossincrasias da vida.



Ao chegarmos ao pequeno porto de Amasra ontem, o tal do Mar Negro estava totalmente encoberto

por um nevoeiro daqueles em que até passarinho desce pelo tronco.

Esta manhã, quando deixamos o hotel para nosso primeiro dia percorrendo a costa desse mar pleno de beleza e história, o mesmo continuava tímido e, envolto em nuvens nos impedia de fotografá-lo. A estradinha que tomamos, sempre no rumo leste, perseguindo a sombra de nossa moto, é de um charme extraordinário.

Travada, não permitindo mais do que 60, 70 km/h, é o tipo de estrada que minha moto gosta, e eu também.

Apesar de que tínhamos sido informados que a estrada estava em obras, com alguns desvios de mais de 10 kms sem asfalto (obaaa...!!!).

A Turquia está em época de eleições, portanto, a maior parte das estradas está em obras. Isso nos lembra algum outro país?

De qualquer forma, as obras e desvios só acrescentaram mais charme a essa lindíssima estrada, uma das mais bonitas que percorri nos últimos anos.

Ao longo de suas curvas, rodeadas de muito verde, pois nesta região chove muito, fomos encontrando montanhas com seus vilarejos pendurados de onde se destacam onipresentes os minaretes de suas mesquitas.



Como já mencionei, o povo turco é muito amável e hospitaleiro. Em qualquer lugar, seja em um bar ou em uma estação de serviço, ao chegar, você tem uma taça de chá oferecida nos primeiros minutos.

Parando em um bar onde pretendíamos descansar alguns minutos da pressão das curvas de nossa deliciosa estradinha, vi que um senhor de uma certa idade tentava amarrar o cadarço de um de seus sapatos, sem muito sucesso pois lhe faltavam dois dedos da mão direita.

Rapidamente me abaixei e amarrei seu sapato.

Em lugar de agradecer, ele me deu uma bronca pois eu tinha amarrado muito apertado.

E a bronca foi em alemão...

Pedi desculpas e amarrei novamente o cadarço, desta vez mais folgado o que provocou um sorriso de apreço e aprovação pelo serviço bem feito por parte deste senhor.

Sou convicto de que, se soubermos ouvir, cada pessoa é capaz de te contar uma história, sua história.

Cada pessoa tem uma história, basta lhe darmos a oportunidade de contá-la.

O “seu” Ibrahim, nosso velho senhor também tem sua história e resolveu contá-la para mim, em alemão que ele aprendeu tendo sido trabalhador na Alemanha por alguns anos.

Na segunda guerra mundial ele era marinheiro em um navio mercante e seu navio foi afundado por um submarino alemão no Mar Negro.

Ficou na água por algumas horas até ser resgatado e na explosão causada pelo torpedo, perdeu dois dedos de sua mão.

O “seu” Ibrahim tem 89 anos e uma memória fabulosa.

Muito bem vestido com seu quípi de marinheiro e de terno e gravata, contou-me sobre ele e sobre sua vida inteira no mar.

Também quis saber sobre o Brasil pois ele também sabe perguntar e é cheio de curiosidade.

Terminou o discurso comentando a minha moto, que ele gostou porque é alemã achou também que eu deveria usar couro em vez do “goretex” de minhas roupas.

A riqueza e energia deste velho senhor me deixou realmente impressionado.

Prova de que o privilégio de ter contato com os locais em uma viagem deve ser cultivado e incentivado. E sem dúvida, a moto tem uma posição de vantagem pois amálgama as pessoas.

Após 400 km que percorremos em 8 horas, em um caminho que meus amigos italianos classificaram de “empenhativo” (gostei do neologismo...) onde o tempo passou de forma subjetiva pois nossa atenção esteve totalmente voltada para as nuances de cada curva em superfícies nem tanto amigáveis e a beleza da paisagem dividindo-se entre mar e montanha.



Chegamos ao final da tarde a Sinop, cidade com nome de xarope para a tosse mas, que do alto de seus 2000 anos de história viu Gregos, Bizantinos e Otomanos passar por aqui.

Um dos personagens mais célebres desta cidade é o filósofo grego Diógenes, aquele que andava por Atenas com uma lanterna “procurando um homem”.

Aliás, seu episódio mais famoso é quando o rei foi visitá-lo na prisão e perguntou o que poderia fazer por ele, a resposta foi:

- Você poderia sair da frente do meu raio de sol.....

Sinop fica em uma península totalmente rodeada de muralhas. Belo lugar.

As pessoas te sorriem e perguntam de onde você é.

Assim, o fim de tarde foi escorrendo em um dourado longo e tranquilo.

Um passeio a pé pelo cais e pelo pequeno porto de pesca de Sinop fechou um dia incomum como uma magnífica chave de ouro.

19 de Maio de 2011 - - - De Sinop a Trabzon

www.sempreinmoto.it/black-sea



Deixamos a simpática cidadezinha com nome de xarope para avançar em direção leste ao longo no nosso Mar-Tema desta viagem.

Apesar das obras seguidas e constantes continuarem, em um terreno mais plano, a estrada ficou um pouco mais rápida e pudemos manter uma boa média durante uma boa parte da manhã, o que ajudaria muito neste trajeto.

Hoje é um dia especial na Turquia. Feriado, se comemora o que equivaleria no Brasil a um misto entre o Sete de Setembro e a Proclamação da República.

Há muitas bandeiras penduradas nas janelas e nas paredes dos órgãos públicos. Os turcos são muito orgulhosos de seu passado, de seu país e de sua cultura.

Hoje, comemora-se a tomada de Istambul pelos republicanos liderados por Ataturk, o fundador da Turquia moderna.



Depoendo o Sultão, instituiu a separação entre a religião e o estado, deu voto às mulheres, mudou a escrita para caracteres ocidentais.

Ataturk é idolatrado por todos. Sua estátua, busto ou foto enfeitada, onipresente, cada vilarejo, cada casa, cada loja deste país.

Enquanto percorríamos as aldeias e cidadezinhas durante o dia, não pudemos deixar de perceber a quantidade de jovens nas ruas, nos parques e nos cafés, jogando Gamão, esporte nacional neste país. À medida que vamos avançando para o leste, a Turquia vai se tornando mais religiosa e o Islã vai ficando mais presente nos hábitos e no vestuário das pessoas.

O lenço na cabeça, apesar de sempre colorido, dá a dimensão da disciplina imposta para manter a modéstia e a discrição das mulheres.



O Mar Negro continua sempre à nossa esquerda. A estrada não se afasta da costa e o vento frio que nos enviam a Rússia e a Ucrânia, do outro lado desta grande lagoa, faz a temperatura ficar entre 15 e 18 graus durante todo o dia.

Rodamos bem, com um bom ritmo até que, em um pequeno descuido, o problema acontece. Passamos um semáforo sem nos deter, pois estava verde.

Eu vinha na frente e Beppe, logo atrás.

No segundo semáforo, em uma rotonda a poucos metros do primeiro, vejo que este passou a vermelho e freio.

Não deu outra, a GSA de Beppe entrou com tudo na traseira da minha. Um belo “teco”.

Perdi o equilíbrio e a moto tomou para o lado esquerdo e, ao mesmo tempo, Beppe e Rossela foram ao chão pelo lado direito.

A dose de vexame foi enorme. Duas motos na Turquia, e a gente consegue bater uma na outra??

Levantamos as “baleias”, com a maior humildade agradecemos aos passantes que ajudaram a levantar aqueles kilinhos do chão e tratamos de sair dali o mais rápido possível.

Ninguém se machucou, o único ferimento foi nos nossos egos, obviamente

Chegamos a Trabzon, grande cidade-porto no leste da Turquia em torno das 18 horas.

Liguei para um contato para ver se consigo organizar o ferry que tomaremos para Sochi, na Rússia, daqui a 8 dias.

Amanhã de manhã irei com nosso contato para ver os preços e as possibilidades. Há uma variação enorme de preço a nós indicado. É preciso ter cautela e não se animar com o primeiro que decide de ser agente de viagem...

Sairemos amanhã em torno do meio dia para cruzar a fronteira com a Geórgia.

20 de Maio de 2011 - - - De Trabzon, Turquia para Batumi, Geórgia

www.sempreilmoto.it/black-sea



Como teríamos uma etapa mais curta no dia de hoje, depois de nos presentearmos com um hotel 5 estrelas por um preço de 3, utilizamos a manhã de sol em Trabzon, cidade absolutamente dinâmica e intensa com muita gente nas ruas em função do feriadão de 4 dias, para tentar organizarmos os bilhetes do ferry que tomaremos para a



Rússia no retorno da Geórgia e da Armênia.

A Geórgia teve uma pequena guerrinha com seu vizinho gigante pela independência da Ossétia, uma província ao norte do país. Em função disso, não há relações diplomáticas entre a Geórgia e a Rússia. Assim como tampouco há relações diplomáticas entre a Armênia e a Turquia. Para completar o quadro neste pequeno mundo da geopolítica, a Armênia tem uma bronca com o Azerbaijão, seu vizinho.



Aí, planejar uma viagem de moto nesta região torna-se tanto quanto como um quebra-cabeça.

A solução foi ir da Turquia para a Geórgia, onde estamos agora,

daqui para a Armênia e da Armênia, retornar pela Geórgia para a Turquia para ir dali, por navio em 12 horas, para a Rússia.

O Azerbaijão a gente esquece porque o povo ali não é muito freqüentável.

Voltando ao assunto do ferry para a Rússia, estive durante meses procurando por um contato para saber as freqüências desse navio para poder programar o “quebra-cabeça” descrito acima. Procurei na net, telefonei para os portos em questão, Trebzon e Sochi na Rússia onde tive sempre problemas de idioma, o povo por aqui só fala Turco ou Russo, e até utilizei contatos profissionais na Turquia para tentar saber algo. Nada.

Finalmente consegui uma pessoa em Trabzon que se dispôs a “ajudar” e fomos ao escritório da companhia de navegação que faz o trajeto.

Infelizmente, não conseguimos comprar as passagens, mas pudemos reservar para as seis motos e as nove pessoas que estarão embarcando para Sochi no dia 27 de Maio. Três de nossos amigos italianos estão viajando com suas esposas.

Queríamos comprar as passagens mas, pelo fato que estaremos saindo da Turquia para retornar, a burocracia na documentação da moto impede que o bilhete seja emitido agora. Lamentavelmente teremos que confiar na palavra do diretor da companhia marítima e nos apresentar, com as motos no dia do embarque esperando que tudo corra bem.

Outro motivo de preocupação é o fato de que o visto de entrada na Rússia para brasileiros foi retirado. Não é mais necessário mas, a pergunta que não quer calar é:

E o pessoal ali em Sochi sabe disso?

Acho que vou poder responder a esta pergunta exatamente daqui a uma semana.

Se vocês tiverem paciência de continuar lendo estes relatos até lá, vão ficar sabendo.

Pegamos a estrada em torno das 13 hs.

Boa pista com duas faixas, sempre acompanhando a bela costa do Mar Negro e sempre em direção ao leste, tínhamos boa temperatura e sol. As motos funcionando bem, apesar de já estarem bastante sujas em função dos trechos de estrada de terra que tivemos que percorrer devido a vários desvios na construção de novas estradas na Turquia, o ar fresco do mar batendo no rosto. Tudo era felicidade!

A quarenta kms de Sarp, cidade fronteira entre a Turquia e a Geórgia fomos apanhados por um radar da polícia turca a 110 km /h, quando segundo eles, o limite seria de 90 km/h.

Sem conversa nem choro. Foram 140 liras turcas por moto, o equivalente a uns 150 reais a serem pagos na passagem de fronteira.

2000 kms pela Turquia e a gente acaba engolindo uma multa nos últimos 40?

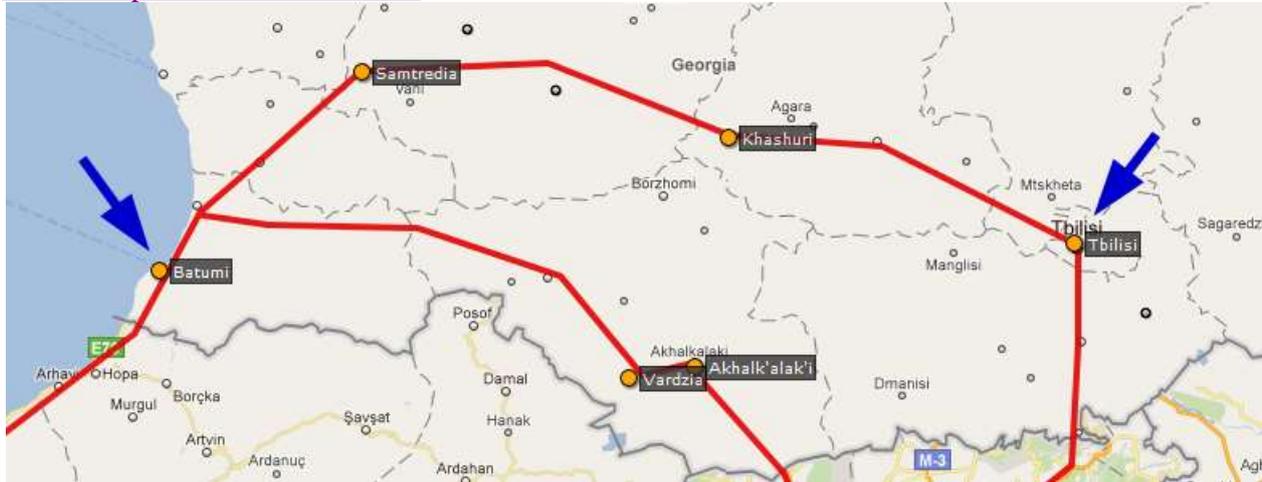
Nada a fazer, acho que em cada grande viagem que tenho feito recebo uma multa. Se tivesse guardado todas elas, dariam um belo painel de recordações. Já imaginaram um mapa-mundi feito de multas de muitos países, alguns tão exóticos quanto o Irã, a Ucrânia e a Bolívia.... É mole?

A passagem de fronteira desta vez foi bem mais musculosa.

Do jeito que a gente espera nestes países de fundo de quintal. Caminhoneiros empurrando o caminhão pra cima de você, a moto furando a fila dos caminhoneiros e aquela fila multifacetada em que você se utiliza de seu 1,92 m para poder abrir espaço até o guichê do policial que, a esta altura está profundamente irritado e pega seu passaporte má vontade, sem olhar na tua cara, passaporte Brasileiro, provavelmente o único a passar jamais por ali.

21 de Maio de 2011 - - - De Batumi a Tbilissi - Geórgia

www.sempreilmoto.it/black-sea



Batumi, sempre às margens do Mar Negro, na Geórgia, uma cidade de veraneio para as elites do então “império” da União Soviética, tem em sua arquitetura o ponto alto de sua atratividade e beleza.

Sobretudo os prédios neo-clássicos, de Art Nouveau, e uma com forte influencia do estilo francês da época de Hausmann, o urbanizador e responsável pela atual beleza de Paris.

Apesar dessa clássica arquitetura na cidade, um tanto delapidada pelo tempo e pelo descaso comum e corrente nos países oriundos de regimes socialistas, há um certo esforço para restaurar os imponentes prédios do século XIX.



Já o hotel em que ficamos hospedados é toda uma outra história

Se chama Alik que é o nome de seu proprietário, também dono do Cassino local.

Meu amigo, poucas vezes em minha vida vi um conjunto decorativo tão kitsch como o desse hotel.

Bem, de qualquer forma foi muito confortável e o atendimento do pessoal, impecável.

Como meu negócio não é nem arquitetura, nem decoração, vamos continuar falando de minha viagem de moto, certo?

Saímos de Batumi para nossa primeira experiência na Geórgia. O caminho ficou um pouco complicado pois fomos informados que o grupo separatista da Abkhazia, província ao noroeste do País que luta por sua independência, controla a estrada principal que leva à capital, Tbilissi e que, portanto, não deveríamos passar por ali para evitar problemas.

Esse tipo de informação, depois de verificada, não se discute.



Segurança vem em primeiro lugar. Estamos de férias, a última coisa que queremos é procurar encrenca.

Estudamos o mapa e fizemos uma estrada alternativa, de montanha, na companhia de muitos caminhões, automobilistas e muitas, muitas vacas soltas pela estrada.

É impressionante como esse animal, totalmente alheio ao perigo, se dá o luxo de passear na saída de uma curva, levando os motoristas (e motociclistas) a manobras bastante arriscadas para evitar o animal.

Ninguém parece se importar. Sempre achei que os dois únicos lugares no mundo onde a vaca é sagrada eram a Índia e a Galícia (esta vai para meu pai.....).

A Geórgia vai se apresentando para nós. Sempre é delicioso percorrer um novo país. Já estive muitas vezes na Turquia, daí um certo sentimento “blazé”.

A Geórgia é nova para mim. Um povo curioso, atencioso, e com um ar nostálgico, triste.

São serviçais e amáveis, tem a consciência de pertencer a um pequeno país mas também se nota o orgulho de ser uma nação muito antiga, cheia de tradições e com uma sólida cultura.

Dizem que o vinho surgiu aqui. Há vestígios que indicam que o vinho já era consumido nesta região há 7.000 anos.

Vamos passando vilarejos e pequenas cidades. A atenção precisa ser mais do que redobrada, o pessoal aqui é alucinado no volante de um automóvel. Ultrapassam em curva, passam pela direita, andam pelo acostamento na contra-mão, etc....

As casas são de construção tradicional, com varandas e estrutura em ferro fundido, seguramente remontam ao período em que Staline, um nativo deste país, governou a URSS e deu à Geórgia, obviamente, um status especial ao país.

As casas são lindas (e olha eu falando de arquitetura novamente!!!) mas seguramente um pintor morreria de fome neste país. Decadentes e mal mantidas, elas vão caindo aos pedaços sem que ninguém faça nada para evitar.

De mesma forma, um comprador de ferro-velho ficaria milionário neste país.

Em cada cidade há dezenas de pavilhões e fábricas transformadas em fantasmagóricos edifícios de ferro, cimento e aço, enferrujando diante de todos como testemunhas de um passado glorioso que não existe mais.

A Geórgia passou de país industrializado a um país agrícola no espaço de 30 anos.

Aqui se poderia praticar facilmente a “Arqueologia Industrial” nessa infinidade de velhas indústrias abandonadas à ferrugem e à ruína.

Conseguimos chegar à estrada principal que conduz a Tiblíssi sob uma intensa chuva que durou uma hora aproximadamente. Há muito óleo na estrada que se torna bastante escorregadia. Minha GS dança a cada curva, a visibilidade fica muito afetada pela quantidade de água e o embaçamento da viseira de meu capacete.

Passamos por uma dupla de russos viajando em uma moto URAL com side-car. De cor abóbora fulgurante, não resistimos e paramos para conversar com os “colegas”.

Dois jovens russos muito simpáticos, falando um bom inglês, disseram estar fazendo uma viagem de 3 mil kms pelo Cáucaso. Chegaram à Turquia pelo mesmo ferry que pretendemos tomar e confirmaram que o mesmo não é muito confiável em termos de horário.

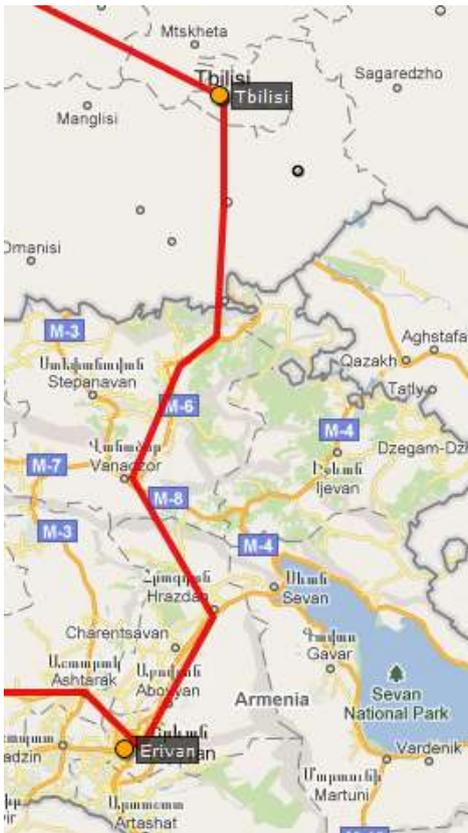
Seguimos nosso caminho com a chuva amainando, e assim, com um pouco mais de sossego. Chegamos no final da tarde à capital da Geórgia. Tivemos sorte. Um jovem parou o carro enquanto olhávamos o endereço de nosso hotel e perguntou se precisávamos de ajuda.

Disse que era do Moto Clube da Geórgia e que se quiséssemos ele poderia nos levar até o hotel. Mais uma demonstração de que somente de moto você pode ter esse tipo de manifestação. A moto compensa.

Nosso pequeno hotel é um belo prédio do início do século XX transformado em um belo hotel de charme com 20 quartos. Está localizado na parte mais charmosa da cidade com suas colinas, igrejas ortodoxas e castelos medievais.

Amanhã utilizaremos o dia, um domingo, para descansar, fazer nossa lavanderia, passear como simples turistas por esta bela cidade e encontraremos com o grupo de quatro motos que deverá se juntar a nós para fazermos uma boa parte do restante de nossa longa viagem.

23 de Maio de 2011 - - - De Tbilissi a Yerevan, Armênia



Aproveitamos o domingo de sol em Tbilissi para “turistar” pelas ruas da capital da Geórgia. É uma cidade interessante, onde se cruzam as épocas na história. São mosteiros e castelos medievais, entremeados de belas casas de estilo clássico dos séculos XVIII e XIX , horríveis prédios construídos durante o regime soviético e modernas pontes, igrejas e palácios estabelecidos após a independência do país, em1992.



O rio que cruza a cidade é um ponto de referencia para qualquer visitante assim como o Senna o é em Paris e o Têvere em Roma

O que mais chama a atenção para quem chega a Tbilissi é o mau estado geral dos prédios, e da infraestrutura, entremeados de ilhas de progresso em cafés, restaurantes e pequenas pousadas e hoteizinhos como aquele em que ficamos hospedados.

Na metade da tarde, recebemos nossos amigos italianos que chegaram de sua longa travessia desde Torino, na Itália.

São dois casais, Cláudio e Carla Giacosa, bons parceiros de várias viagens por este mundo, Gianni e Oretta, que eu não conhecia a companhados de Maurizio e Rino, que viajam em solo. Maurizio participou conosco da viagem ao Uzbequistão e ao Marrocos.

Nesta viagem, Cláudio, Rino, Beppe e eu rodamos em GS Aventura.

Gianni em uma Super Teneré e o Maurizio em uma KTM 990.

É muito bom poder rever seus amigos e, sobretudo, poder compartilhar os próximos dez dias de estrada com excelentes parceiros e motociclistas.

Prudência, companheirismo e experiência é a marca registrada de cada um deles.

Hoje pela manhã saímos de Tbilissi. A dinâmica muda. Já não somos duas motos, somos 6.

Há sempre um outro ritmo, outro compasso de desenvolvimento do grupo.

Solicitaram que eu liderasse na estrada pois sou conhecido por minha moderação na velocidade.



Deixamos a capital da Geórgia no rumo sul, em direção à fronteira com a Armênia a 70 kms de distancia.

Por estradas secundárias, coalhadas de buracos e de remendos, fomos toureando os motoristas Georgianos e, de olho no pára-brisa, fomos mantendo o grupo de seis motos coeso e seguro.

A passagem de fronteira se deu sem nenhum tipo de problema, nem na saída da Geórgia, nem na entrada da Armênia.

Os procedimentos foram rápidos e eficientes.

Logo após o controle de passaportes do lado armênio, fomos obrigados a fazer uma apólice de seguro para a moto para o período em que estivermos rodando pelo país. Custou pouco. Em torno de 15 reais por moto.

Logo após a fronteira, começamos a perceber que, se por um lado a paisagem se torna maravilhosa, com montanhas altíssimas e uma estradinha que vai acompanhando um rio extremamente caudaloso, o tempo e a estrada começam a se deteriorar.

A chuva chega junto com os enormes buracos em toda a extensão da pista.

Pilotar a moto passa a ser um exercício de concentração.

Confesso que gosto, pois é bastante lúdico e divertido.

O que era chuva passa a ser uma tromba d'água.

Paramos para colocar nossos trajes impermeáveis.

Estou navegando pelo mapa pois nossos GPS não funcionam por aqui.

Verifico no plano que há dois santuários espetaculares a poucos kms de nossa estrada. São mosteiros do século VIII, com mais de 1200 anos!

Ambos fazem parte do patrimônio da Unesco, obviamente, imperdíveis.

Escalamos com as motos uma enorme montanha, em uma subida de mais de 12 graus, As GSA's pesadas de traseira, com toda a bagagem tendem a erguer a roda dianteira.



Posiciono-me bem à frente na sela e vou levando a "baleia" em meio à chuva que insiste em nos dificultar um a visibilidade e da mesma forma, cobrindo de água e escondendo grandes crateras.

Chegamos ao primeiro mosteiro, de nome Haghpat, com rapidez pois o

lugar estava muito bem indicado.

O sítio é extraordinário por seu nível de conservação. Suas múltiplas capelas, e o piso totalmente

revestido de pedras tombais de muitas centenas de anos, lhe dão um aspecto irreal, quase fantasmagórico.

Percorri o lugar em toda sua extensão e verdadeiramente curti cada minuto.

O mesmo se aplica para o segundo mosteiro, de nome Sanahim, tão grande quanto o primeiro e igualmente fascinante.

Depois dessa edificante visita, voltamos aos buracos e à chuva.

Em alguns kms encontramos uma pequena casa junto à estrada que eu interpretei como uma espécie de restaurante caseiro e decidi encostar a moto para perguntar com algumas palavras de russo que conheço se era um (PECTOPAH) que em cirílico quer dizer: RESTORAN.

A senhora confirmou e abriu a geladeira para me mostrar que poderia fazer um Kebab, que é um espetinho de carne moída de carneiro.

Fomos servidos com um excelente assado de carne moída, pão fresco, uma salada de cebola com coentro, vinho e cerveja. Alguém precisa de mais?

Pagamos o equivalente a 50 reais para nove pessoas, incluindo as bebidas.

Os últimos 100 kms até Yerevan foram entre sol e chuva através de uma planície de 2.000 metros de altitude entre fantásticas montanhas até que começamos a descer em direção à capital da Armênia.

A uns 30 kms da cidade, avistamos o majestoso Monte Ararat que eu já tive o privilégio de encontrar do lado turco, há três anos atrás quando fomos ao Irã.

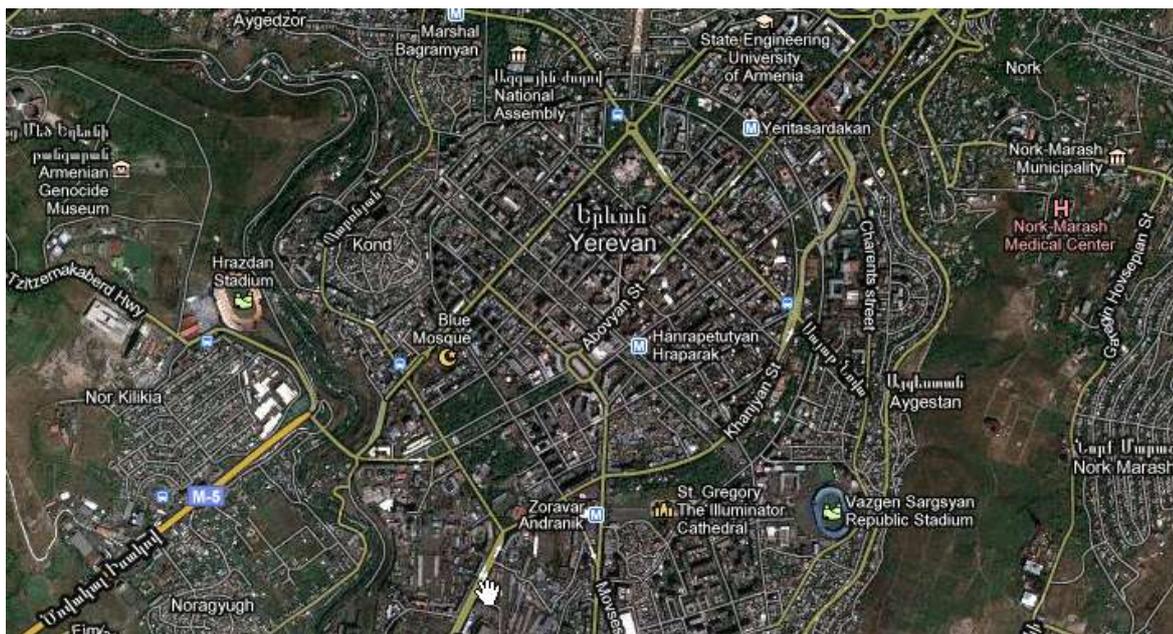
Entramos em Yerevan e, ajudados por motoristas atenciosos, fomos recebendo informações que nos levaram ao hotel que tínhamos reservado.

Bem localizado e correto.

Hoje jantaremos juntos em nosso grupo de nove amigos.

No cardápio, os comentários deste primeiro dia na estrada e as adoráveis impressões que todos tivemos nesta sofrida estradinha entre Geórgia e Armênia, dois dos países cristãos mais antigos do mundo, esbanjando história, enterrados em pleno Cáucaso, essa região nervosa e instável, mas absolutamente e definitivamente bela.

24 de Maio de 2011 - - - Yerevan, Armênia



Nossa chegada à capital da Armênia foi uma grande surpresa. A exemplo de Tbilisi, esperávamos uma cidade deteriorada pelos muitos anos de regime comunista porém, encontramos uma cidade moderna, organizada e muito verde.

A Armênia tem um passado de sofrimento e diáspora em sua história o que contribuiu finalmente para sua situação atual, após a independência da URSS. Mais da metade da população deste pequeno país do Cáucaso vive no exterior, com uma grande e próspera comunidade nos Estados Unidos e, evidente

está que o investimento estrangeiro entra com uma certa abundância.

Na chegada a Yerevan, como sempre, as motos são as donas da festa. As pessoas nos acenam, perguntam de onde viemos e se interessam pelos detalhes das grandes motos. Decidimos ficar um dia inteiro em Yerevan, conhecendo algumas maravilhas históricas e geográficas neste vale rodeado de grandes montanhas que é o entorno da cidade que se localiza a mais de 1200 metros de altitude.

Depois de uma noite no Congress Hotel, da rede Best Western, correto e bem localizado, saímos pela manhã, em um belo dia de sol, para fazer um passeio ao longo do extraordinário Monte Ararat, aquele em que o Noé teria atracado sua arca.

Essa montanha, com seus mais de 5.000 metros de altitude, é o símbolo da Armênia, apesar de nos dias de hoje ela estar localizada na Turquia. Tínhamos estado junto ao Ararat em 2008, a caminho do Irã, em uma viagem de moto pela Rota da Seda, objeto de matéria na Revista Duas Rodas em 2009.

Confesso que a primeira vez em que avistei essa montanha fiquei profundamente emocionado a ponto de ter que parar a moto. Curioso como todos aqueles ensinamentos religiosos nas aulas de catecismo no colégio Auxiliadora, em Bagé, minha cidade natal, na fronteira do Brasil com o Uruguai, permanecem em nosso subconsciente e, quando encontramos um desses lugares bíblicos míticos, ele mexe com nossa cabeça e sentimentos.

Aproveitamos a vista do Ararat para visitar também o Mosteiro de Khor Virap que fica no seu entorno e fazer algumas privilegiados por uma vista fabulosa!

Voltamos à cidade onde aproveitei para visitar o Memorial do Genocídio Armênio, perpetuado pelos turcos entre 1915 e 1922 onde mais de um milhão de Armênios foram massacrados em toda a Turquia e em vários outros países pertencentes ao império Otomano.



Foi algo planejado nos estertores do sultanato Otomano e que teve na Alemanha e Áustria, das quais a Turquia era aliada durante a Primeira Guerra Mundial, espectadores passivos de fusilamentos em massa, expulsão de populações inteiras, internamentos em campos de concentração depois de transportar pessoas amontoadas em vagões de gado.

Lembra alguma coisa? Não terá sido uma bela escola para os horríveis episódios registrados ao longo da Segunda Guerra mundial pelo regime nazista?

Como era de se esperar, o lugar é triste e representa o que o ser humano tem de mais baixo: A sua crueldade.

O resto da tarde foi dedicado a passear pelo centro da cidade, tomar uma boa cervejinha gelada, ao mesmo tempo em que, em um belo café na sombra de um enorme parque, aproveitei para colocar em dia meus escritos e fotos.

Jantamos em um restaurante típico armênio por insistência de meus amigos italianos, amantes de uma boa mesa. O jantar foi absolutamente insuportável. Fomos colocados no sub-solo do que poderia ser uma bela galeria cisterciã mas estava mal ventilada e os armênios, assim como todos os habitantes desta vasta região, fumam compulsivamente ao ponto de acender um cigarro no outro. Aqui ainda se fuma em todos os restaurantes.

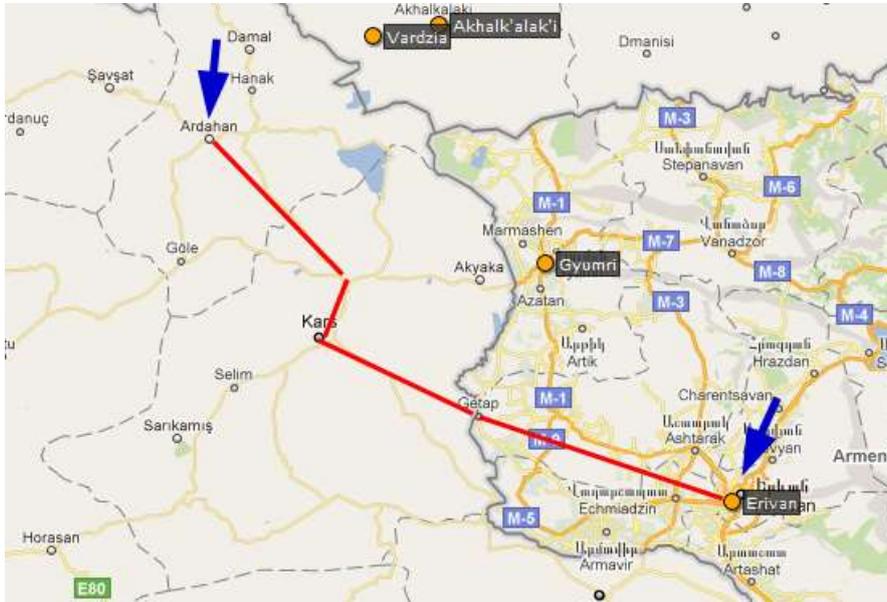
Além desse desconforto, a música ao vivo, cantada pela proprietária do restaurante era insuportavelmente alta e a comida levou muito tempo para ser servida o que serviu para jogar com os nervos de todos nós.

São as concessões necessárias a qualquer grupo que pretende dividir 10 a 15 dias de viagem e tempo comuns.

Mais tarde falarei um pouco das peculiaridades da viagem de moto em grupo.

25 de Maio de 2011 - - - De Yerevan a Ardahan, Turquia

www.sempreimoto.it/black-sea



Hoje deixamos Yerevan para retornar à Turquia de onde deveremos tomar nosso ferry em Trabzon para a Rússia.

Como a Turquia não tem relações diplomáticas com a Armênia pelas razões que expus acima, as fronteiras entre os dois países são fechadas não permitindo a circulação de pessoas ou mercadorias.

A solução foi seguir em rumo norte para a Geórgia e dali, passar para a Turquia.

Escolhemos a estrada do oeste da Armênia, que, apesar de não estar em seu melhor estado de conservação, permite visualizar uma paisagem de tirar o fôlego em meio a belas paisagens e vilarejos perdidos no mapa.

O dia foi simplesmente maravilhoso. Saímos às 9 hs da manhã e chegamos a Ardahan, 13 horas depois.

Foram apenas 480 kms, mas tivemos que cruzar duas fronteiras e aproveitamos para visitar um par de sítios arqueológicos pelo caminho, sem mencionar que gastamos mais de duas horas para almoçar. Aqui, mais uma vez, a insistência gastronômica de meus amigos italianos.

Gosto de boa comida e, apesar de estar viajando profissionalmente há mais de 35 anos por este “mundinho de Deus”, ainda gosto de experimentar pratos típicos e iguarias locais. Isso, no seu devido tempo e lugar.

Acho que um almoço de duas horas em meio a uma jornada longa só contribui para alongar desnecessariamente o dia e agravar o cansaço que se acumula naturalmente ao longo de vários dias de viagem.

O jeito é fazer que não viu e divertir-se com as brincadeiras enquanto esperávamos pela comida: Salada, queijo, costeletas de porco e cebolinhas cruas, regadas com cerveja e vodka. Muito bom para acertar as curvas que estariam por vir...

A saída de Yerevan foi realmente complicada, pois eu me recusei a pagar à Garmin 180 dólares para fazer o download das cartas de estradas do Cáucaso para esta viagem, decidindo assim, navegar nesta região à moda antiga, com o mapa.

Isso implica em atravessar as grandes cidades na base do “quem tem boca vai a Roma”. Nestes países ex-comunistas, a infra-estrutura é extremamente precária e placas de sinalização são consideradas supérfluas. Quando existem, estão em cirílico, em alfabeto georgiano ou em alfabeto armênio, absolutamente ilegíveis para nós.



Perguntando, com as três ou quatro palavras de russo que conheço, a direção de alguma cidade no norte do país, fomos enfrentando o trânsito sem nos perder.

Tenho um amigo que foi piloto de linha aérea. Hoje aposentado, ele me disse uma vez que todo o ser humano tem um momento de imbecilidade por dia. (alguns, tem mais do que isso). E que ele tinha tido sorte e passado todos esses momentos em sua vida, no solo.

A razão pela qual estou contando isso é que esta manhã, saindo de Yerevan na testa do grupo de 6 motos, eu tive meu momento de imbecilidade e desta vez, sobre a moto.

Ocupado em olhar o mapa e a direção que precisávamos tomar para chegar à fronteira com a Geórgia, simplesmente não vi um semáforo, obviamente nesse momento em vermelho, e passei direto em uma bela “roleta paulista”.

Um ônibus, acertadamente, atravessou na minha frente e eu pude desviar para a direita. Nesse momento, um caminhão passava o seu sinal verde. Neste momento, desviei para a esquerda e passei muito, muito perto do pára-choque do caminhão. Um momento de distração que poderia ter-me custado muito caro.

Seguimos em direção ao norte por um altiplano, em torno dos 1500 metros de altitude de uma beleza extraordinária. A estrada, com a sua boa dose de buracos demandava bastante atenção.

Em pouco tempo, percorremos os 150 kms que nos separavam da fronteira e nos dispusemos a, mais uma vez, enfrentar os trâmites burocráticos destes jovens países que não esqueceram a pesada burocracia herdada do velho regime da URSS.

O controle da Armênia nos despachou com uma certa velocidade, sem mais delongas.

Já os georgianos resolveram abrir nossas valises, verificar a bagagem, implicar com os lap-tops,

câmaras e filmadoras, etc.

Tudo isso consome enormemente de tempo, sobretudo porque agora somos 6 motocicletas.

O último controle foi muito engraçado:

Dois agentes ficam no último portão. Você chega e um deles pede seu passaporte.

Ele verifica que o passaporte foi devidamente carimbado e me devolve o documento.

Eu o guardo na bolsa do tanque e coloco minhas luvas.

Quando agradeço e me disponho a ir embora, ele me diz:

Por favor, passe o passaporte para meu colega para verificação.

Toca tirar as luvas, procurar o passaporte no envelope de plástico em que se encontra, etc.

Por que ele não passou o passaporte diretamente para seu colega? Vai entender....

Logo que entramos novamente na Geórgia, onde percorreríamos perto de 200 kms até passar a fronteira para a Turquia, o céu se fechou e começou a trovoar. O ponto de fronteira fica em uma planície a 2000 metros de altitude, rodeada de grandes montanhas, uma maravilha.

A estrada, bastante nova, permitia andar bem, sempre com o cuidado pois a qualquer momento se encontra uma manada de vacas curtindo o asfalto da estrada. Não sei o que elas acham de interessante ficar com aquela cara de estúpida, ruminando no meio de uma estrada movimentada, perturbando completamente a circulação e correndo o risco de ser atropelada por um motorista mais distraído.

A caminho da Turquia fizemos um desvio de 16 kms para visitar Vardzia, uma antiga cidade troglodita.

As pessoas viviam em cavernas na encosta de uma montanha. Fica difícil de imaginar o dia-a-dia dessa gente em um lugar tão peculiar. É extraordinária a psicologia de proteção que utilizavam os antigos.

De Vardzia voltamos à estrada principal, depois de almoçar um Kebab (espeto de carne moída, bastante comum por estas bandas).

Conseguimos chegar à fronteira da Geórgia com a Turquia em torno das 7 hs da tarde. Casualmente, da Armênia para a Turquia há duas horas de diferença de fuso horário e na Turquia eram, portanto, apenas 17 hs. Ou seja, ganhamos duas horas.

O procedimento de saída da Geórgia e entrada na Turquia tomou uns 45 minutos para o grupo todo. O que não sabíamos é que no finalzinho deste belo dia, teríamos um sol poente de presente em uma estrada que nos levou literalmente às nuvens.

Em poucos kms, subimos até 2500 metros e nos mantivemos em um platô emoldurado de montanhas nevadas, com uma luz horizontal maravilhosa, fazendo com que a sombra de nossa moto se projetasse ao lado da estrada e o sol de fim de tarde deixava os campos e montanhas turcos, bem mais verdes.

A 2500 metros a temperatura caiu para 7 graus, mas mantivemos o ritmo para poder chegar ao nosso destino antes das 8 hs da noite.

A pequena cidade de Ardahan que nos abriga hoje, com 17.00 habitantes e seu único hotel, não tem nada de atrativa. Entretanto, depois das duas horas de frio na estrada, nada como um lugar quentinho para descansar e carregar as baterias para o dia de amanhã onde tomaremos várias estradinhas de montanha, por 500 kms, para chegar a Trabzon, de onde tomaremos o navio para a Rússia no dia seguinte.

26 de Maio de 2011---- De Ardahan a Trebzon - Turquia

www.sempreinmoto.it/black-sea



Passamos uma noite confortável no pequeno e único hotel desta minúscula cidadezinha no Nordeste da Turquia e decidimos fazer a rota para Trabzon onde temos que pegar o ferry para a Rússia dia 27 à noite.

Ligamos as motos às 8:30 hs da manhã, como de hábito, e aqui devo elogiar meus amigos italianos por sua disciplina e pontualidade nas partidas.

Uma viagem em grupo requer uma disciplina bastante rígida para evitar atrasos e jornadas demasiadamente longas desnecessariamente.

A rota que escolhemos para chegar a Trabzon, seria através das grandes montanhas no nordeste da Turquia e as estradinhas prometem ser bastante interessantes nos 450 kms que nos separam do porto de saída para a Rússia.

Como informei antes, esta é a única maneira de chegar a Sochi no Cáucaso russo, pois a fronteira comum com a Geórgia está fechada desde a guerra entre os dois países.

Entramos na estradinha de montanha, meu GPS indica 1600 ms acima do nível do mar. O ar é fresco e claro. Céu azul, o dia promete.

Vamos percorrendo paisagens dramáticas, sempre ao longo de rios de corredeiras e curvas suaves e deliciosas. Vou brincando com a moto. Escolhi SuperTramp no Ipod e vou curtindo minha banda favorita.

O grupo se desenvolve bem, com Cláudio de tempo em tempo disparando na frente para fazer algumas tomadas para o filme que costumamos fazer a cada viagem.



Na metade do dia, tomamos uma pequena estrada bem indicada no mapa e percebemos que os próximos 97 kms deverão ser de terra. Sem invalidar a beleza da estrada, percebo que dois dos três casais que viajam conosco estão tensos. Nessa mesma manhã tinham-se recusado de fazer 5 km para visitar um mosteiro porque era uma estradinha não pavimentada. Confesso que para mim, é super divertido.

Já que não podemos voltar pois teríamos que acrescentar uns 270 kms ao percurso do dia que já é longo em se considerando a condição das estradas, fomos levando pela estrada de terra com nossas pesadas motos.

A minha GSA gosta de terra e hoje vejo na sua incrível suspensão telelever algo que faltava nas nossas arcaicas Hondas XL dos anos 80, do século passado. Quando estou sobre minha GSA em uma estradinha de terra de montanha, lembro dos passeios que fazíamos pelas serras da Mantiqueira e do Mar no interior de São José dos Campos. Eram jornadas inesquecíveis, cheias de adrenalina e profunda diversão.

Infelizmente, para alguns, a estrada de terra pode ser motivo de tensão e stress.

Beppe e sua mulher, em uma passagem de lama foram ao chão. Caindo sobre o braço, ela acabou fazendo uma entorse no punho. Algo sem gravidade mas que a deixou com medo.

Imobilizei o punho, mais como consolo psicológico para ela do que propriamente uma solução. Sugeri ao Beppe de levá-la comigo na garupa e ele aceitou de bom grado. Aproveitei para dar-lhe uma explicação de como rodar na estrada de terra sem que esta pareça ser diferente do asfalto.

O que muda, expliquei a ela, é a forma de conduzir e o nível de atenção que você precisa ter em relação à superfície. Você precisa estar atento a qualquer irregularidade e fazer sua escolha de passagem.

Ela pareceu mais tranqüila e fomos assim, por 60 kms até encontrar novamente o asfalto onde ela passou à moto de seu esposo.

À noite, refletindo sobre estes últimos dias em companhia deste grupo de amigos, cheguei à conclusão que prefiro continuar a viagem sozinho pois os lugares que quero visitar no entorno do Mar Negro não são exatamente os mesmos do restante do grupo.



A viagem em grupo demanda certas concessões , sobretudo com a presença de esposas. A minha, Graça, grande companheira de muitos kms, tem a sabedoria de decidir em qual viagem ela quer, ou não quer, ir.

Alguns parceiros não dispõem de uma esposa com essa sensibilidade e acabam trazendo a companheira para viagens onde as estradas são ruins, os hotéis fuleiros, chove muito, as fronteiras são longas e complicadas, os dias se tornam intermináveis, a comida é esquisita, etc.

Portanto, a minha conclusão é: viagem com parceira em grupo, só se todos estiverem com parceiras. Esta manhã informei a todos que, na chegada do barco amanhã a Sochi, eu continuarei em torno do mar negro sem me deter nessa cidade que sediará os jogos olímpicos de inverno de 2014. Eles continuarão a seu ritmo e eu, ao meu. Assim evitamos frustrações para todos.

Neste momento, estamos a bordo de um pequeno barco, equipado de 12 cabinas, aguardando para zarpar em direção a Sochi, onde chegaremos amanhã as 9 horas da manhã. A cabine, que divido com três italianos, quase como um dormitório de estudantes, tem três camas e eu já percebi que a minha está quebrada. Falta de sorte. Veremos como estará a minha coluna amanhã.

As motos estão acondicionadas no porão do navio, apoiadas contra a parede contra um velho colchão. Modo ainda não visto de fixar a moto em um navio. Como este aqui é uma “banheira”, pode ser que jogue muito mais do que o previsto ou do que o desejável.

Pela manhã, os procedimentos de imigração e de alfândega russa prometem ser demorados. Tenho minhas dúvidas se não vai dar rolo o fato de que eu não preciso de visto por ser brasileiro. Será que o agente de imigração do porto em Sochi, nos confins do Cáucaso russo sabe disso? Amanhã eu conto para vocês.

27 e 28 de Maio de 2011---- Ferry de Trabzon (Turquia) para Sochi (Rússia)



O episódio do ferry e as 14 horas que passamos dentro do navio (?), dão material para um capítulo à parte nos relatos desta divertida viagem. Como já contei antes, passei meses perseguindo informação sobre esse (maldito) ferry de Trabzon, importante cidade no nordeste da Turquia e Sochi, no Cáucaso russo. Acho, de maneira geral, os ferrys muito práticos para encurtar tempo entre etapas complicadas ou, que geograficamente exigem um grande desvio.

Na Europa há muitos, por exemplo: Se você quiser ir da Itália à Grécia, pode ir por Veneza e Trieste, cruzar toda a Eslovênia, a Croácia, o Montenegro e Sérvia, atravessar a Albânia (que eu não recomendo) ou, a Macedônia, (aqui, você vai ficar obrigado a atravessar o Cossovo). Com isso, sua viagem deve durar, pelo menos, três dias.

Se você já conhece todos esses países e seu objetivo é a Grécia, vale a pena pegar um ferry em Ancona, navegar por 16 horas durante a noite e acordar novinho em folha na manhã seguinte

para realmente começar sua viagem.



No caso deste ferry entre Trabzon e Sochi, a razão é um pouco mais sinistra. Há uma guerra não declarada entre a Rússia e a Geórgia e, portanto, não há fronteira por terra possível que permita a nossa volta ao Mar Negro. O problema que, devido aos problemas de imigração e alfândega da Rússia, ninguém sabe a que hora o tal do navio zarpa.

Conseguimos comprar as passagens na manhã do dia da partida (27/5).

Fomos instruídos pela companhia de navegação a estar com as motos no porto às 14hs. Uma vez liberadas as motos pelas autoridades turcas, teríamos que estar no terminal de passageiros do porto às 17 hs.

A cada vez que perguntávamos qual era o horário da partida, vinha uma resposta meio evasiva, tipo: Ah.... 7 ou 8.... Quando chegamos com as motos ao porto, vimos um barco de boas dimensões e outro, pequenino, ao lado.

Fomos, com as motos, direto ao navio maior.... Ha, ha, não era aquele. Nosso navio era uma banheirinha, com 12 cabines. Embarcamos e o pessoal do “navio” se apressou a nos ajudar com a

fixação das motos.

Em geral, nesse tipo de transporte, você tem uma fita de fixação que é ancorada no piso do porão, passa sobre a sela da moto e é fixada do outro lado, sempre no piso. Como dica, se um dia vocês tiverem necessidade de fixar a moto em um ferry, coloque as suas luvas sobre a sela onde a fita tirante passa e assim, você evita qualquer dano à sela da moto. Os nossos amigos, aqui da Rússia, fazem diferente. Colocam a moto apoiada contra a parede do navio onde previamente foi encostado um colchão de espuma velho.



Depois, passam uma fita imensa ao longo da moto. Tempo bom, o mar não se esperava estar muito agitado, portanto sem necessidade de amarrar tanto assim as motos.... Subimos para nossas cabines. Os casais, 3, tinham direito a cabines para duas pessoas. Nós, os 3 “solteiros”, compartilávamos uma cabine. Dividir a cabine com meus dois amigos de empreitada não é realmente um grande problema. Complicado mesmo, foi dividir a pequena cabine com seis botas!!!!

O navio zarpuou às 9 horas da noite, 4 horas depois de termos embarcado. Serviram um jantar de arroz com peixe que eu não me atrevi a comer. Não há muita gente a bordo e o fim do dia está muito bonito. Ficamos na ponte para curtir o sol e a brisa marinha. Logo, golfinhos seguem o navio. É sempre um espetáculo pela maneira como brincam com a esteira deixada pela nave. Há um bar onde se instalam os passageiros turcos para fumar e beber. E como fumam. Há passageiras do sexo feminino.

De repente somos abordados por uma passageira russa que pergunta se não a queremos convidar para um “drinque”..... Você já viu esse filme antes? Pois é, as moças operam no ferry. E de ida e volta!

Não deu outra, passamos a chamar o navio de “Love Boat”. Confesso que pela manhã, acabei usando o serviço de uma delas.... Calma. Não é o que vocês podem estar pensando, foi só para preencher o formulário de alfândega que estava em russo... Como esta falava um pouco de inglês, aproveitei e ofereci uma “graninha” para preencher os nossos 12 formulários... Depois de uma noite mais ou menos mal dormida, por causa da cama que estava quebrada, chegamos a Sochi com sol e golfinhos, em torno das 13 horas.

Nosso navio fez em torno de 6 nós de velocidade durante toda a noite... Lento. Descemos para soltar as motos e colocar a bagagem. Ficamos esperando no porão quase uma hora para poder desembarcar.

Os passageiros ali, todos amontoados na porta do navio e um russo vem e diz:

Bikers, bikers, imigração primeiro, depois as motos. Passamos a imigração sem grandes problemas. Meu passaporte brasileiro, sem visto, foi uma surpresa para a agente de imigração que logo puxou uma lista e confirmou que tudo estava bem.

O problema veio depois, o agente da companhia de navegação teve que preencher três formulários para cada um dos proprietários das motos, obviamente em russo, e para isso levou 2 horas!

Em seguida, os três formulários por moto foram entregues a um agente de alfândega que levou mais duas horas colocando os dados no computador.... Bem, se vai colocar no computador, para que fazer preencher e assinar os formulários manualmente?

Conseguimos deixar o porto às 17 horas e aqui eu me despedi de meus amigos para continuar a viagem em solo como havia informado anteriormente. Em Sochi, uma bela cidade freqüentada pela elite Russa, onde o próprio Putin tem uma casa, a primeira coisa que fiz foi procurar um posto de gasolina pois tinha evitado de colocar combustível na Turquia onde a gasolina custa 3 dólares o litro. Na Rússia o preço do litro de 95 é 1 dólar.

Nos postos russos, se você quer pagar com cartão, precisa passar no caixa antes e dizer quantos litros quer colocar no tanque. Escrevi em um papelzinho que queria 20 litros de 95. Ela aquiesceu com a cabeça e me mandou o papelzinho de volta escrito: PIN

Eu perguntei em meu Russo quebrado: O que, PIN?

Ela disse, me dá o numero de PIN (código secreto) de seu cartão de crédito para eu colocar na máquina....

Certo. Seria a primeira vez que eu daria o código de meu cartão de crédito a alguém...

Peguei a estrada em direção ao norte logo em seguida. Belo fim de tarde, estrada travada ao longo da costa com muitas curvas, caminhões e gente voltando do trabalho.

Consegui fazer 250 kms em 4 horas nesse dia e achei um pequeno balneário bem organizado com um hotel herdado do período soviético que me aceitou como hóspede por uma quantia razoável. Na Rússia, a gasolina é barata, mas hotel e restaurante são super-caros. Fui jantar em um pequeno restaurante com música ao vivo curtindo o fato de poder estar só depois de duas semanas passadas constantemente em companhia dos amigos. E o melhor de tudo, é poder ter contato com a gente local.

Ter tempo para as pessoas que tem curiosidade sobre você, a motocicleta e a viagem.

29 de Maio de 2011---- De Gelendzik (Rússia) para Yalta (Ucrânia)

www.sempreinmoto.it/black-sea



O lugar que decidi fechar o dia para pernoite é Gelendzik, uma animada cidadezinha de veraneio para as elites russas, com seu passeio ao longo da praia e seus jardins bem organizados de onde se notam belas fontes de água e uma limpeza irretocável. Bem que poderia ser a frente de mar de Fort Lauderdale, Atlantic City, ou qualquer outro lugar nos Estados Unidos.

A única diferença seria o tamanho dos hotéis de veraneio (construídos no período socialista, são enormes!) e, obviamente a música russa que é tocada em cada um dos restaurantes em um volume exageradamente alto.

Jantei animado por música pop russa entretanto, decidi ir dormir relativamente cedo pois teria o dia seguinte bastante cheio.

Quando você, vindo pela Rússia, se aproxima da Criméia esta península mítica no Mar Negro, objeto de tanta cobiça por parte de Romanos, Bizantinos, Otomanos, Russos e, mais recentemente, Ingleses, a primeira coisa que vai perceber é o vento. Forte, constante, lembra aquele vento da Patagônia que te obriga a fazer curvas de 50 kms de distância, sabe?

Em seguida, você percebe os vinhedos e logo após, a maravilhosa paisagem.



Fui chegando à Criméia pela faixa de terra Russa que leva ao estreito de Kerch, uma passagem estreita entre o mar de Azov e o Mar

Negro.

Devo dizer que fiquei impressionado de ver o desenvolvimento da Rússia desde que estive com a Graça, minha mulher em outra viagem de moto em torno do Mar Báltico, passando por São Petersburgo, em 2005.

As velhas construções da época Soviética que estavam caindo aos pedaços vão sendo substituídas por modernos edifícios e casas de estilo ocidental.

A livre iniciativa é evidente e, o gosto pelo consumo é absolutamente presente, quase uma religião para os russos de hoje. A pergunta sobre a moto é sempre: Quanto custa?

Há entretanto, duas coisas que não mudaram na Rússia moderna, em relação àquele “paquiderme lento e engessado” que era a União Soviética: A burocracia e a corrupção na polícia.

Pela boa estrada que me levava à fronteira Russa, num belo domingo de sol, fui apreciando os muitos quilômetros de vinhedos recém plantados e não pude deixar de refletir que até poucos anos atrás, todo o vinho consumido na Rússia e nos países do CIS, era produzido pela Geórgia.

Hoje, com as relações políticas e econômicas cortadas com o pequeno vizinho no sul, a Rússia se organiza para produzir seu próprio vinho e, haja visto a extensão do cultivo, o projeto é absolutamente ambicioso, enorme.

Cheguei à barreira da fronteira russa.

Aqui, em um povoado de nome impronunciável, devo tomar uma balsa que, em meia hora me levará a Kerch, do lado Ucrainiano.

Deixo a moto aos cuidados de um casal no primeiro carro da fila e vou ao interior do edifício para comprar a passagem da balsa.



Para dar a idéia do procedimento de saída na burocracia russa, mesmo correndo o risco de ficar um pouco chato, vou reproduzir aqui o mail que mandei a Cláudio, um de meus amigos italianos que deveria passar com o grupo um pouco mais tarde nesse mesmo dia:

“Quando você chegar à barreira para automóveis na fronteira, procure por um senhor de uniforme azul que preencherá um “cupom” com o tipo e dimensões da moto.

Ele se encontra à esquerda da fila de carros, em uma casinha azul.

Depois de preencher o cupom, vá com ele ao escritório de venda de bilhetes, apresente esse mesmo cupom e compre a passagem, que só pode ser paga em Rublos.

Volte para a moto e, quando a barreira se abrir, vá para o lado esquerdo do edifício onde você terá que passar em uma pequena janela para o primeiro controle de passaportes.



Passe o primeiro portão e, à esquerda você deverá ir a um guichê, (que curiosamente fica na altura de seus joelhos e, portanto para falar com a moça dentro você precisa se ajoelhar...) e ela pedirá o formulário que recebemos na entrada da Rússia para a legalização da moto. Além de cancelar o formulário de entrada, preencherá outro, em russo, que você vai assinar e novamente, fará fotocópias de seu passaporte e do documento de propriedade da moto.

Uma vez terminada essa etapa, ela lhe entregará uma senha com um número, que você deverá passar ao agente de polícia uns 10 metros mais adiante.

Em seguida, um policial acompanhado de um simpático Cocker Spaniel virá cheirar sua bagagem e moto. (O Cocker vai cheirar, não o agente russo.)

Isto, para ver se você não carrega drogas ou explosivos.

Na sequência, vem o agente de aduanas para fuçar dentro dos bagageiros da moto e ver se você não leva algum tipo de tesouro russo que não pode deixar o país.

No meu caso, ele encontrou um tesouro de roupa suja.

Agora, vem o controle de passaporte para o carimbo de saída. Aqui, o problema que eu não tive na entrada pela isenção de visto para brasileiros, se torna um problema na saída pois eles não dispunham da lista de países que são isentos de visto.

Imagine o número de brasileiros que passam por este fim de mundo a cada ano.... Provavelmente sou o único na história...

A cópia do acordo, em Russo e em Inglês, entre o Governo do Brasil e o Governo da Federação Russa que gentilmente me foi cedida pela Embaixada do Brasil em Moscou, com a intervenção de amigos comuns, serviu para informá-los que este motociclista em questão não tinha entrado ilegalmente no país.

Finalmente sou liberado e, após um novo controle feito pelo chefe de todos eles para saber se todos os carimbos estavam no lugar certo, passo o portão final e posso embarcar no pequeno navio que me levará `Ucrânia.

Simple, né? Sobretudo quando todas essas discussões ou instruções são dadas em russo e ninguém fala palavra de nenhuma outra língua. Ufa!

A travessia do estreito foi simpática com muita gente rodeando a moto para examiná-la e perguntando de onde eu venho. Quando dizia que era do Brasil, expressões de admiração e simpatia se registravam rapidamente nos olhares tristes deste povo do norte.

Eduardo Wermelinger tem razão: É muito bom ser brasileiro. (Adorei o vídeo dele com a bandeirinha e o hino do Brasil em rock!!!)

O procedimento de imigração e alfândega do lado Ucrâniano foi um pouco mais simpático porém igualmente demorado.

Aparentemente, quando chegamos, os agentes de imigração tinham saído para almoçar .

Achei que isso só acontecesse na França...

Aqui, tive um problema curioso: Por não precisar de visto, usei meu passaporte brasileiro na Rússia.



Na Ucrânia, é mais conveniente usar meu passaporte espanhol pela mesma razão. Bem, obviamente o agente não achava os carimbos russos no meu passaporte espanhol.

Ele perguntou se eu tinha um outro passaporte. Confirmei que tinha duas nacionalidades, passei a ele o passaporte brasileiro para que ele se certificasse que eu estava vindo da Rússia, e o assunto foi resolvido.

Quatro horas após o início deste cansativo processo, morto de sede e fome, fui finalmente liberado para rodar com minha fiel BM pelas estradinhas irregulares que definem as belas paisagens da Península da Criméia.

Os 350 kms que me separavam de Yalta seriam o passeio do dia.

Andei uns 100 kms e parei para almoçar em um pequeno restaurante na beira da estrada.

A comunicação foi impossível. Como ele não tinha Menu, fiz sinal que queria comer e pedi que ele trouxesse qualquer coisa. Veio “borsch” uma sopa de origem russa onde vai de tudo dentro. Contendo beterraba, ela tem uma cor avermelhada. É, entretanto, nutritiva e serviu perfeitamente para matar a fome que eu tinha.

Nos 250 kms que me separavam de Yalta, escolhi tomar a estrada de costa através das montanhas.

De maneira geral, a Península da Criméia é plana exceto na região sudeste onde se encontra uma bela cadeia de montanhas.

Levando a moto com cuidado pois já estava um pouco cansado e, para completar o quadro, começou a chover, fui avançando em direção à bela cidade de Yalta, onde cheguei em torno das 18 horas, após ter sido parado pela polícia por excesso de velocidade.

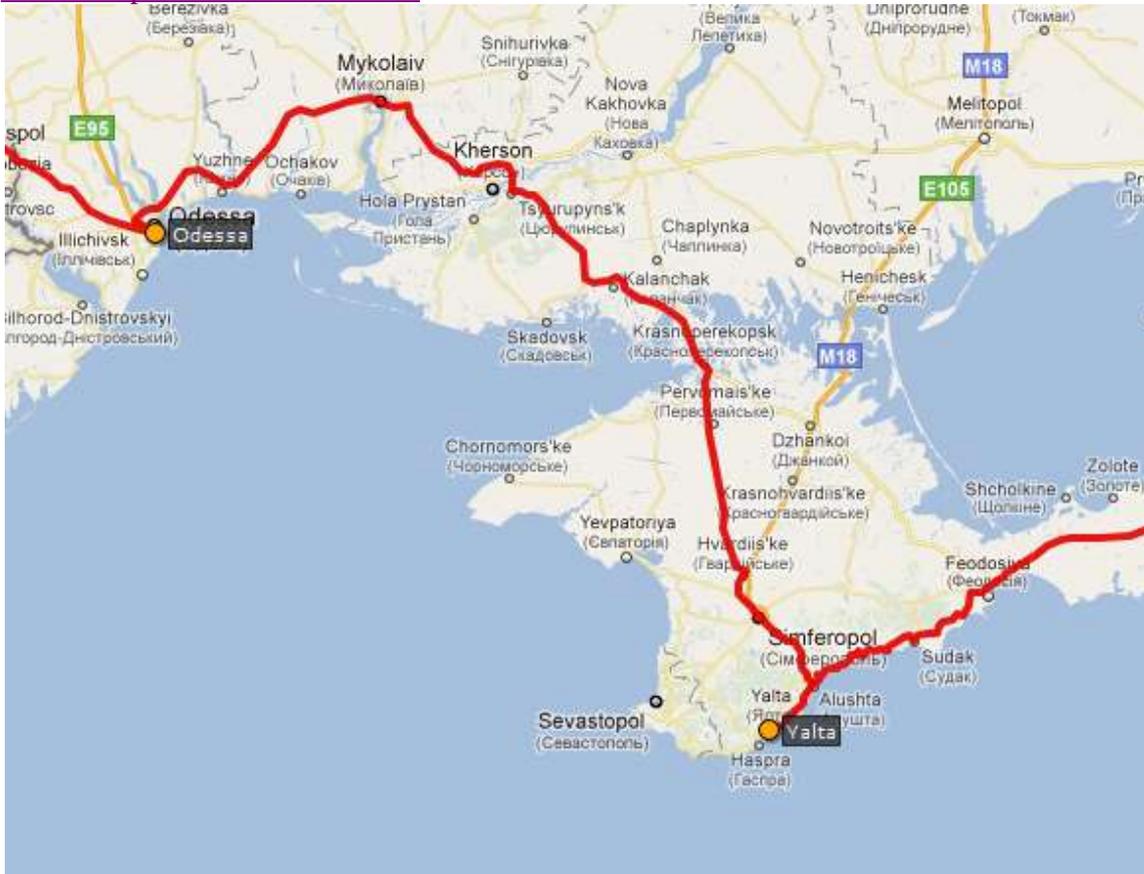
A policia Ucrâniana tem um grande senso de previdência social. Eles te param, ameaçam que vão te multar e, se você negociar, eles recebem um dinheiro que, seguramente, irá para o “Fundo Ucrâniano de Corrupção de Policiais (FUC Police).

No meu caso, não deu muito certo. Vai faltar no fundo de pensão deste mês.

Na próxima eu conto sobre essa turma que se dedica a caçar estrangeiros para “criar o problema e vender a solução”.

30 de Maio de 2011 --- de Yalta a Odessa - Ucrânia

www.sempreinmoto.it/black-sea



Yalta é realmente uma linda cidade. Localizada em um pequeno espaço de terra, espremida entre mar e montanha, o seu Passeio Marítimo é bem organizado e harmonioso.

É simpático ver uma grande quantidade de edifícios históricos apropriadamente conservados e sobretudo, bem integrados ao contexto moderno da cidade.



É raro ver isso nos países oriundos da Cortina de Ferro onde, de maneira geral, o descaso com a estética é evidente.



Gostei de ver uma bela estátua de Lênin na praça principal da cidade.

Com a derrocada do comunismo, confundiu-se muito, memória histórica com memória ideológica e muito do culto ao regime foi destruído como reação a tantos anos de repressão e penúria.

Hoje, entende-se que personagens como Lênin, Trotsky, Chekov (O grande herói da defesa russa contra a invasão nazista de 1941 a 1945) e outros, merecem seu lugar nas praças das ex-repúblicas soviéticas pois devem ter seu lugar na memória do povo e, além do mais, os pombos sempre precisam de uma estátua para fazer cocô encima, certo?

Minha viagem neste dia seria tranqüila, sem passagem de fronteira, sem montanhas, sem chuva pois o dia já estava quente às 9 hs da manhã quando peguei a estrada para os 580 kms de distância até Odessa, a bela cidade sempre às margens do Mar Negro. Nome mítico e recorrente nos livros de espionagem, Odessa está ligada ao desaparecimento do ouro das reservas da República Espanhola, em 1938, enviado aqui para protegê-lo das tropas de Franco que ameaçavam entrar em Madrid.



Bom, mas isto é outra história, fica muito longo para contar.

A estrada, um tanto quanto irregular de superfície, porém reta e bem nivelada, permitia viajar confortavelmente a 100, 110 kms/h.

O problema é que logo em seguida à minha partida de Yalta, recebo de um motorista uma piscada de faróis, sinal internacional contra controle policial.

Reduzo a velocidade para os regulamentares 90 km/h e, efetivamente, percebo uma viatura de polícia com um radar de tripé instalado e em funcionamento em minha direção.

Apesar de passar em velocidade legal, tenho sempre a impressão que vou ser parado por estar em uma grande motocicleta e simbolizar o que este pessoal acredita ser um “estrangeiro rico” e presa fácil para um pequeno botim.

No dia anterior, a 20 kms de Yalta, fui parado por dois policiais por excesso de velocidade.

Eu estava a 84 km/h em uma estrada claramente para 90 km/h, segundo as regras locais anunciadas em um painel logo à passagem de fronteira.

Esses painéis sempre estão na entrada de cada país e convém sempre perder um minuto para estudar as velocidades permitidas em cidade, estrada e auto-estrada.

Ficava claro para mim que os dois policiais queriam melhorar sua aposentadoria comigo.

Estava a 20 kms de meu hotel e, depois de viajar por 10 horas, não me sentia muito inclinado a ceder.

Sou horrível de mau humor, mas estes dois diligentes policiais ucranianos ainda não sabem disso.

Quando o “tira” me disse que estava em excesso de velocidade, e mostrou minha foto na máquina, eu protestei veementemente dizendo que esta é uma estrada para 90 km/h.

E, aproveitando a poeira no parabrisa da viatura, desenhei com o dedo os 90 dentro do círculo, como aqueles que escrevem com o dedo em carro sujo: “ME LAVE”.

No fim, vendo que meu argumento não estava funcionando, dei minha Habilitação Internacional a ele e disse que fizesse o “protocol”, que é como se chama “multa” em Russo.

Virei as costas e voltei para minha moto, sem lhe dar mais atenção.

Nesse momento vejo que seu companheiro lhe diz algo apontando para o relógio. Eram 19 hs e obviamente o parceiro queria ir embora.

Ele veio novamente junto a moto e perguntou em algo de inglês, se eu poderia fazer algo por ele.

Eu disse, com o olhar mais puto que posso ter, em voz muito baixa mas carregada de ódio: Faça a multa!

Ele voltou ao carro e veio logo em seguida, praticamente jogando minha Habilitação sobre a sela, sem falar nada.

Entraram na viatura e foram embora, me deixando ali, com um pequeno sorriso de vitória nos lábios.

Na Ucrânia, os policiais fazem questão de caçar estrangeiros para engordar seu fim-de-mês.

Eu abomino qualquer tipo de corrupção, seja ela ativa ou passiva.

Sobretudo, quando é utilizada por pessoas que, levando em consideração o uniforme que vestem, deveriam representar a autoridade, controlar e proteger.

Punir excessos é normal e legítimo. Em caso de falta, multa.

Voltando à estrada para Odessa, contei 17 controles de radar em 580 kms.

Fui parado novamente no controle de número 11 por alegação de que não havia feito um “STOP” completo na entrada de uma estrada principal.

Como não existia placa de STOP, não vejo por que deveria ter parado...

Da mesma forma, disse a ele que multasse e, depois de 5 minutos, ele voltou à moto com minha Habilitação e me mandou embora. Vitória número 2!

O controle de número 16 seguiu-me por uns 15 kms para ver se eu faria algo de errado...

Parei para almoçar e tive que encarar novamente o ‘borsch’. Sopa a 32 graus!!!!

Começo a parecer aquele gringo da piada que por não saber o que comer em um restaurante no Rio, pedia sempre “feijoadá”..... rsrs.

Ceguei tranquilamente a Odessa que é bem maior do que eu pensava e achei, com a ajuda do GPS que agora começa a funcionar normalmente, um belo hotel de charme de 4 estrelas. Eu mereço, sobrevivi à polícia Ucraniana e ainda não tive que pagar multa...

31 de Maio de 2011 --- De Odessa (Ucrânia) para a Romênia, através de Moldóvia

www.sempreinmoto.it/black-sea



Uma das coisas mais extraordinárias na viagem de moto é a expectativa de cada dia. Por mais que você planeje sua viagem, sempre haverá imprevistos e situações onde você deverá se desenvolver em completa improvisação.

Isso foi exatamente o que me ocorreu neste dia.



Depois de uma excelente noite em Odessa, cidade sofisticada e elegante, com seus imponentes edifícios bem restaurados, com seu teatro de estilo neo-clássico fechando uma alameda de árvores centenárias ao fundo na avenida principal.

Em resumo, uma perspectiva bem ao gosto dos arquitetos e urbanistas do regime comunista.

Em suas belas avenidas, restaurantes e bares dão o tom de um ambiente animado e festivo, apesar de só ser uma segunda-feira.

Fiquei hospedado em um lindo hotel de 4 estrelas. Decidi dar-me esse presente e fui jantar em um Pub Irlandês, onde, sentado nas mesas da calçada, tive a oportunidade de apreciar os locais passando e admirar (respeitosamente) a famosa beleza das mulheres ucranianas.



No início da viagem, meu primo Antonio, que vive em Nova York, desejou-me boa viagem e disse que esperava que eu fosse violado por uma ucraniana....

Isso é pouco provável que ocorra mas, a 100 kms de Odessa, na fronteira, eu quase me ferrei por ter-me enganado de país.

Isso mesmo! Enganei-me de país.

Explico:

Durante a preparação da viagem, e já falei dos cuidados que tive em relação aos aspectos geopolíticos desta região, li algo sobre a TransNistria, uma região ao sul da Moldavia que decidiu se tornar independente através de uma guerra civil em 1992.

Este estado dentro da Moldavia, se recusa falar romeno que é a língua da Moldavia, falam somente russo e, pasmem, são comunistas!

Este pequeno estado, para distração minha, controla toda a faixa leste da fronteira entre a Ucrânia e a Moldavia.

Um pequeno país como Liliput, sem reconhecimento por nenhum estado membro das Nações Unidas e, portanto, sem relações diplomáticas com nenhum outro país no mundo.

O otário aqui, chega com sua “mobilete” depois de passar a fronteira da Ucrânia sem problemas, e percebe que tem um monte de arame farpado, gente armada, sacos de areia fazendo trincheiras, etc.

Nossa, pensei eu, esses dois países não se apreciam muito...

Apresento meu passaporte como de hábito e o cara me manda estacionar a moto. Em russo.

Percebo o gesto e estaciono a moto.



Vou até ele e ele me pergunta em russo onde vou. Como meu russo é mais curto que coice de porco, respondo que vou a Chisinau, a capital (da Moldávia, o inimigo) para almoçar e depois sigo para a Romênia (que apóia a Moldávia).

O cara fecha a cara e me diz que alí não é a Moldavia, é a TRANSNISTRRIA (prefiro chamar de Trans SINISTRA) e que se eu quisesse ir à Moldavia, deveria voltar para a Ucrania e entrar na fronteira 300 kms mais ao norte.

Foi aí que a ficha caiu. Droga! Tinha esquecido deste paísinho comunistóide de opereta e fui me

enfiar exatamente na boca do lobo! Que amadorismo!

O negócio agora era administrar.

O agente e seu colega continuavam a bradar instruções em russo.

Tento falar em inglês e eles endurecem, dizendo:

Ya ni pa ni maio! Rusky gavariu! (Não entendo! Fale russo!)

Dizem que devo esperar pelo chefe. Vou para a moto e espero.

Nesses casos, como não sou “motociclista de primeira viagem”, sei que devo ter paciência pois eles não vão me guardar ali por muito tempo. Você acaba se tornando um problema para eles.

Também sei que você precisa continuar mantendo a pressão.

Uns 15 minutos mais tarde, percebendo que todos os carros de cidadãos Ucrânicos, Moldavos e Trans SINISTROS, passavam sem maiores problemas depois de preencher dois formulários de imigração, em russo, obviamente.

Voltei ao agente e perguntei a ele em inglês o que ele queria de mim. Ele continuou dizendo que não entendia. Sei que ele estava entendendo e continuei:

Por quê você está fazendo isso? Indaguei.

Vim como amigo, não tenho nada a ver com o conflito de vocês, simplesmente quero passar para poder retornar à Europa, onde vivo.

Aí, ele me disse, sempre em russo que eu deveria fazer uma “declaration” da moto e apontou vagamente um edifício a 100 m de distância.

Fui até lá, encontrei outro agente uniformizado e perguntei sobre a tal de “declaration”.

O cara me entregou um formulário em duas vias, totalmente em russo obviamente, para que eu preenchesse. Por sorte, encontrei um caminhoneiro que falava alemão e consegui preencher os detalhes do formulário.

O agente veio verificar se eu estava preenchendo bem o formulário e se interessou por minha caneta.

Terminei de preencher e dei a ele a caneta de presente. Isso facilitou um pouco as coisas para mim pois ele mudou de atitude e passou a ser um pouco mais amigável.

Paguei 11 dólares pelo direito de entrar na TRANS SINISTRA.

Voltei ao posto de imigração e preenchi mais dois formulários.

Levaram meu passaporte para dentro de um posto policial e me deixaram esperando por mais 30 minutos.

Finalmente, o chefe saiu da casinha, entregou-me o passaporte e disse que eu poderia ir.

Deteve-se na frente da moto e disse: Nice motorcycle! (Em inglês. FDP! Falava inglês, o sacana!)

É uma moto cara, disse eu em tom de vingança. Você não vai ver uma rodando em país comunista.

Entrei em um país não só comunista mas também surrealista. Era como visitar a Albânia na época do Enver Hoxha.

Pobres, atrasados e militarizados. Comunismo em 2011 é como se alguém vier e te disser: Cara, eu agora sou hippie!!!

As estradas, bloqueadas por barreiras, trincheiras e blindados do exército russo, mantém a paz de forma artificial em uma zona de exclusão desde 1993!

Zona de guerra não é novidade para mim. Vivi no Iraque nos final dos anos 80 durante a Guerra entre esse país e o Irã.

Minhas atividades profissionais me levaram muitas vezes a países em conflito ao longo de meus mais de 30 anos de viagens a trabalho.

De moto, estive na Bósnia, Kosovo, e outros pequenos países com suas guerras.

Fui, portanto, tocando minha moto pela bússola do GPS e tentando me fazer invisível a cada passagem de controle, atividade difícil quando se está sentado em uma GSA.

Meu rumo era noroeste para tentar chegar à capital.

Eu sabia que teria que chegar a uma barreira para poder cruzar para o outro lado.

40 kms depois de ter entrado na fronteira, 4 horas mais tarde, encontro o ponto de passagem para a Moldavia.

O pessoal da Trans “Sinistra” me deixa passar e o agente da Moldavia me pergunta se estou trazendo armas ou drogas, fazendo o gesto com a mão dos dois dedos juntos apontados e o gesto de se injetar no braço...

Finalmente estou na Moldávia que vou cruzar em 3 horas.

Detive-me na capital para comer um MacDonald’s como uma pequena vingança capitalista, visitei o centro da cidade, sem grande charme, com aqueles edifícios lisos, monstruosos e impessoais do comunismo.

Por uma estradinha em péssimo estado de conservação fui me dirigindo à fronteira com a Romênia onde dormiria para cruzar este último no dia seguinte.

O dia foi cheio. Surpresas, tinha tido todas.



Agora, é pensar que estou retornando para casa. Com uma ponta de tristeza, percebo que minha viagem vai chegando ao seu epílogo.

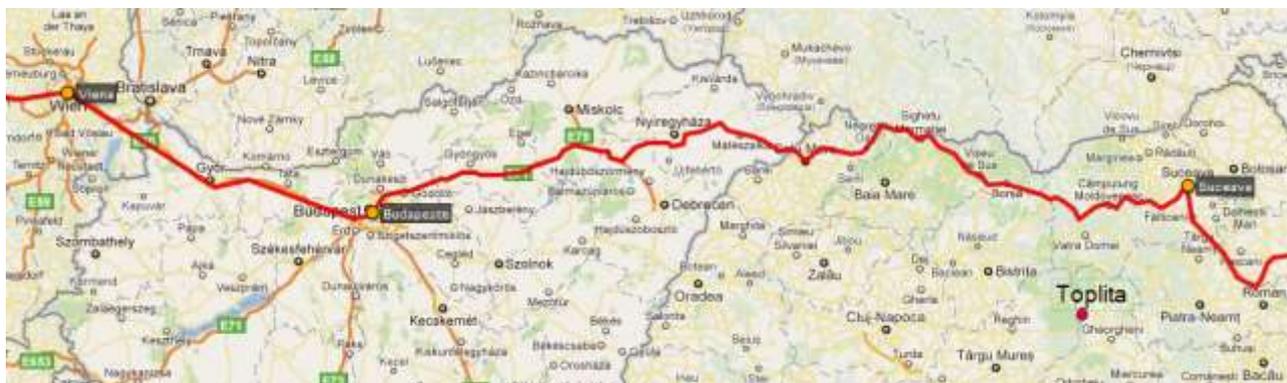
Daqui da fronteira da Romênia, são 2500 kms até Chantilly.

Amanhã vou curtir as estradinhas perigosas e fascinantes da Romênia, um país que, apesar de membro da União Européia, ainda vive dentro de suas tradições como há 50 anos atrás.

Depois da Romênia, a Hungria, Áustria, Alemanha e, finalmente, A França.

01 de Junho de 2011 --- De Toplita (Romênia) a Viena (Áustria)

www.sempreimoto.it/black-sea



Depois de toda a adrenalina vivida na Moldavia e na tal de "TransSinistra", comecei a sentir o cansaço na chegada à fronteira da Romênia.

Em uma viagem de moto, você tem dois tipos de fadiga. O cansaço diário, resultado da atividade que você exerceu naquele dia e, o cansaço acumulado, como se você acrescentasse um pouco mais a cada dia que passa.

Você percebe que tem mais dificuldade para levantar-se pela manhã, tem um pouco de preguiça para refazer sua mala cotidianamente, percebe estar mais irritado e impaciente ao final do dia, etc. Ao entrar na Romênia, pergunto ao agente, Estou na Europa?

Ele confirma e me dá as boas vindas. Sem grandes problemas, formulários ou carimbos mil.

De qualquer forma, a Romênia é um dos mais recentes membros da União Européia e está muito atrás em relação aos outros países-membros no que diz respeito a infra-estrutura e desenvolvimento. Seu transito é caótico, perigoso. Os romenos são lentos em suas reações na condução de um veículo e, ao mesmo tempo, são rapidísimos em mudar de idéia!



Logo após a fronteira, passo pela cidade de Iasi, e quase sou assassinado em duas oportunidades em menos de 10 segundos entre cada uma delas.

Dois carros frearam violentamente diante de mim na estrada para entrar à esquerda, sem deixar a pista e sem seta. Desvio milimetricamente pela direita e acelero para sair desse miolo. Quase

imediatamente depois, um furgão vindo no sentido contrário vira à esquerda e cruza na minha frente.

Este, eu vi chegar. Antecipação. O segredo de nossa sobrevivência sobre duas rodas.

Decidi avançar algumas centenas de quilômetros antes de me deter para pernoite.

Gosto de andar de moto na Romênia. Apesar de seus motoristas com instinto assassino e seu trânsito caótico, o país tem uma singularidade de cultura e uma beleza de paisagens únicos.

Esta nação, antiga como a própria história, como testemunham suas centenas de castelos e mosteiros medievais, sofrida em seu passado recente de comunismo e a ditadura de Ceaucesco, se mantém à cavalo entre a cultura romena e a cultura dos “Roms”, como são chamados aqui os ciganos.



30% da população do país é cigana. Eles vivem sua própria cultura e é muito engraçado ver as casas que fazem construir com seu aspecto oriental, absolutamente “kitch”, com suas cores aberrantes e seu característico telhado metálico extremamente adornado.

A Romênia quase não tem auto-estradas. As vias de acesso devem obrigatoriamente passar por seus intermináveis vilarejos construídos ao longo da estrada. É como se o vilarejo tivesse somente uma rua. A estrada, exatamente.

Todas as casas são posicionadas junto à estrada, com portão, cerquinha e um indefectível banco na frente da casa, lugar de encontro e socialização principalmente ao final do dia, após guardar as vacas, cabras, gansos ou ovelhas.



Nesse sentido, a estrada é freqüentada pelos mais diversos personagens.

Na moto, enquanto cruza o vilarejo que pode ter até uns 7 ou 8 kms de comprimento, você se vê obrigado a dividir o espaço com vacas, cabras, tratores, carrinhos de mão, carroças de todo tipo, bicicletas, carrinhos de bebês, e mesmo com o “bebum” do vilarejo este, o mais imprevisível de

todos.

As casas nas aldeias da Romênia são um espetáculo à parte. Finamente decoradas independentemente da condição social do proprietário, você não se cansa de admirar cada uma delas e acaba por lamentar não poder deter-se mais vezes para fotografá-las.

Aqui, você viaja ao ritmo da Romênia. Não ao ritmo da Europa.

Parei para fotografar uma carroça puxada por dois belos cavalos enfeitados com um grande adorno vermelho na cabeça quando um garoto veio e me ofereceu um punhado de sementes de girassol que eles comem permanentemente.

Retribui com meia barra de chocolate que tinha na bolsa do tanque. Com prazer verifiquei que ele fora levar o chocolate para dois outros amigos e os três dividiram o que havia.



As paisagens aqui são suaves, verdes e bucólicas. A vida parece correr a um ritmo muito mais tranquilo como se a Europa para eles fosse algo distante. Entretanto, a Europa tem mudado muito a vida deste povo. Suas estradas vão ficando melhores e com isso, aumenta o trânsito de caminhões e veículos nos vilarejos aumentando por sua vez, o risco e o ruído para os habitantes.

Penso quantos carros de tração animal, ainda muito populares entre os agricultores são atingidos por motoristas enlouquecidos que insistem em cruzar os vilarejos a velocidades exageradas?

O dia, de calor e sol, vai com sua suavidade apagando as más experiências do dia anterior.

Toda atenção é necessária nestas estradas. Apesar da beleza da paisagem e dos aspectos curiosos deste país, seus motoristas,

como disse antes, teimam em fazer coisas absolutamente imprevisíveis.

Vou, a uma velocidade bem limitada avançando em direção ao oeste, para a fronteira com a Hungria a 250 kms de distância.

Uma vez na Hungria, faço uma pausa para almoço, pois tenho vontade de comer um “gulasch” famoso cozido de carne local. É um prato pesado para o calor que faz, mas decido me dar o prazer assim mesmo.

A estrada melhora muito na Hungria.

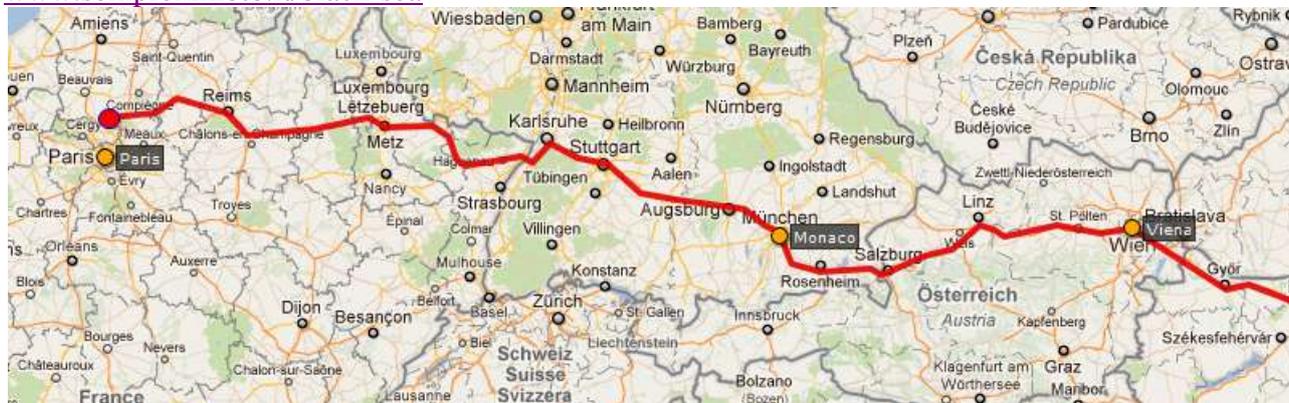
Farei 500 kms ainda neste país antes de chegar à Áustria, onde pretendo pernoitar.

O nível de desenvolvimento desde a Moldavia vai progredindo em uma proporção estável, a Romênia, a Hungria, até que chego à Áustria, já no espaço Schengen, onde já não há controle de fronteira. Você simplesmente passa sem se deter.

Daqui, até a França, serão 4 países onde eu não terei mais que tirar o passaporte do bolso

02 de Junho de 2011 --- De Viena (Áustria) para Chantilly (França)

www.sempreinmoto.it/black-sea



Passei a noite em uma pequena pousada nos arredores de Viena. Tinha feito no dia anterior 800 kms, incluindo 300 na difícil Romênia e estava muito cansado para entrar no transito da bela Viena.

A pousada que consegui por modestos 43 euros com o café da manhã incluído, me convinha enormemente. Além do mais, dispunha de um excelente restaurante e, depois de muitos dias, pude apreciar uma cozinha mais sofisticada, acompanhado de um excelente vinho tinto austríaco.

Acordei cedo neste que viria a ser meu último dia desta fascinante viagem.

Ainda, no café da manhã, considerava fazer um pernoite na Alemanha antes de chegar em casa.

Decidi, no retorno, não visitar os Mosteiros Pintados de Bucovina, na Romênia, pois já os tinha visto em viagem com Graça em 2007.

Eu os tinha incluído no programa para mostrar a meus amigos italianos mas, como acabei continuando a viagem em solo, não fazia sentido para mim perder um dia por essa razão.

Chegar com um ou dois dias de antecipação em casa me permitiria ter o fim de semana para descansar e retomar meu trabalho na segunda-feira, repousado e feliz.

Uma vez tomada a excelente auto-estrada austríaca, sempre com o sol nas costas pela manhã e no rosto à tarde, vejo que, apesar de ser um feriadão católico e as estradas estarem muito movimentadas, posso desenvolver uma boa velocidade.

300 kms depois, já passando a fronteira da Alemanha, em Passau, vejo que o GPS me dá uma chegada em casa às 19:15 hs.

É óbvio que o GPS não considera as paradas para abastecimento, pipi e descanso.

Se eu calcular 1, 1:30 hs para isso, chegaria em casa em torno das 20:30 hs.

Viável, pensei.

De qualquer forma, são 1300 kms. Um recorde de distância em um mesmo dia para mim.

Neste primeiro dia de um longo fim de semana de feriado, verifico que as estradas Austríacas e Alemãs estão abarrotadas de motociclistas.

Todos se cumprimentam, conversam nas estações de serviço e se encontram nos restaurantes de beira de estrada.

É a paixão deste veículo estranho, perigoso e ao mesmo tempo fascinante.

Quando você está em uma viagem de motocicleta, seu corpo, seu espírito, sua mente e sua alma, estão expostos às intempéries físicas, psicológicas e emocionais de uma jornada como a qual eu vou terminando agora.

Não gosto de chamar minhas viagens de expedição nem de aventura. São apenas viagens de turismo. Um turismo diferente, mas sempre turismo.

Enquanto vou curtindo a boa estrada, sua ausência de buracos ou irregularidades no asfalto, vou lembrando de todos aqueles lugares em que passei e que agora, nesta paisagem perfeitamente organizada em um ambiente totalmente europeu, me parecem tão distantes e remotos.

Entretanto, todos esses lugares, essas pessoas, as situações, os momentos, os amigos que fiz, as dificuldades que passei (felizmente, não muitas), tudo ficou indelevelmente impresso em mim.

É como se meu espírito tivesse recebido uma nova tatuagem de lembranças registros e emoções.

Como é bom viajar! Como é bom viajar de moto!

Que bela reação causa a moto nas pessoas!

Os dias que passei com meus bons amigos italianos foram cheios de carinho e amizade. Compartimos experiências risadas e momentos adoráveis.

Agradeço a eles pela generosidade de ter entendido quando disse que gostaria de continuar minha viagem sozinho para poder assim, ter mais contato com as pessoas e lugares que visitaria.

Sou privilegiado por poder fazer o que mais gosto. Este privilégio, se apóia em vários pontos essenciais:

O tempo necessário para a viagem, os recursos financeiros, a excelente motocicleta e o equipamento que utilizo e, sobretudo, a vontade de fazê-lo.

Quando você consegue reunir todos esses elementos, que é o meu caso, seria realmente um pecado não se lançar à estrada.

Chegando em casa, terei percorrido 9.860 kms em 21 dias.

Cruzei 14 países e fiz uma média de velocidade de 87.5 kms/h ao longo desta viagem (Esta última sensivelmente aumentada pelos 3000 kms de autoestradas europeias na saída e na volta, com velocidades médias de mais de 130 km/h).

Foram 611 litros de gasolina e 112 horas sentado sobre a sela da moto.

Acima de tudo, se o que escrevi neste site, (com o apoio de meu amigo Eduardo Wermelinger a quem agradeço aqui, por sua disponibilidade e eficiência em prontamente encaminhar meus textos e fotos), se o que escrevi, servir, uma única vez, para apoiar a viagem de outro amigo motociclista, já terá largamente e absolutamente valido a pena.

Sou absolutamente grato pelo apoio e incentivo que recebi de vocês, amigos que não conheço pessoalmente, e com os quais compartilho esta paixão pelas duas rodas, pelos comentários colocados no site do Rotaway.

Obrigado pela paciência demonstrada para com este cronista amador.

Vocês viajaram comigo, na sela de minha moto e no calor de meu coração.

O perfume da floresta chegando à minha querida Chantilly, é um claro sinal de boas vindas.

Faço uma última foto em frente a seu belo castelo, antes de chegar à minha casa.



Abraço a todos e até a próxima!!

E estejam certos de que haverá uma próxima.

Ricardo Lugris

(Texto original: <http://www.rotaway.com.br/content.asp?cc=17&id=406>)